CONVERGÊNCIA

Janeiro/Fevereiro 2004 • Ano XXXIX • Nº 369 ISSN 0010-8162

- Campanha da Fraternidade – Água: fonte de vida
- Jesus é a nossa paz
- Os grandes desafios da educação para o religioso/a hoje
- Mística evangélica do compromisso com os pobres
- Liturgia e Bíblia na formação para a vida religiosa

Sumário

EDITORIAL 1

PALAVRA DO PAPA 5

INFORME CRB 12

ARTIGOS 16

Campanha da Fraternidade – Água: fonte de vida 16
J. B. Libanio

Jesus é a nossa paz 29
Pe. Marcos de Lima, SDB

Os grandes desafios da educação para o religioso/a hoje 41
Patricia García de Quevedo, RSCJ

Mística evangélica do compromisso com os pobres 48
Frei Gilvander Luís Moreira, O. Carm

Liturgia e Bíblia na formação para a vida religiosa 61
Johan Konings, SJ

A ilustração da capa da Convergência 2004 apresenta a logomarca do Jubileu da CRB. É um projeto gráfico da artista gráfica Patrícia Oliveira da Rocha (Belo Horizonte - MG) e Luiz Henrique Sales (Rio de Janeiro - RJ). A capa evoca a presença e missão da Vida Religiosa do Brasil no mundo atual, como Testemunho, Profecia, Esperança.

CONVERGÊNCIA
Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:
Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:
Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:
Coordenadora:
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:
Ir. Romi Auth, FSP
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

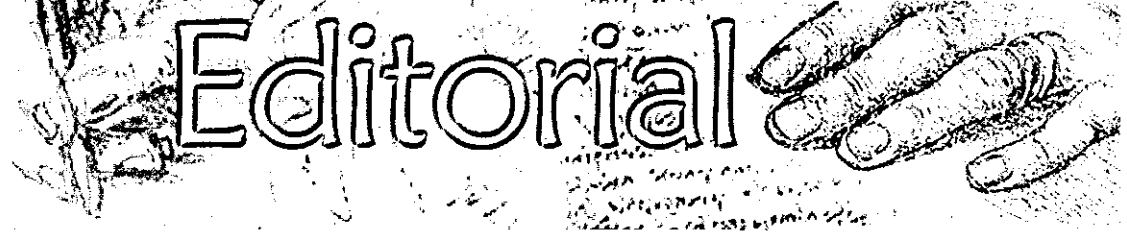
DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2240-7299
Fax (21) 2240-4486
E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:
LetraCapital Editora
Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2215-3781
Fax (21) 2224-7071
E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura Anual para 2004 | Brasil: R$ 80,00
Exterior: US$ 85.00 *ou o correspondente em R$ (Reais)*
Número avulsos: R$ 8,00 ou US$ 8.50



"Felizes os construtores da Paz"
(Mt 5,9)

João Paulo II, na sua Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2004, apresenta como argumento central da Mensagem o lema – "Educar para a Paz" –. É a segunda vez que o atual Pontífice alerta a consciência dos católicos(as), dos responsáveis pelo bem comum e de todas as pessoas de boa vontade para a importante e difícil tarefa de *educar para a paz*. Em 1979, no contexto mundial da guerra fria, primeiro ano do seu pontificado, e dando prosseguimento à iniciativa de Paulo VI de dedicar o primeiro dia do ano à Paz, João Paulo II, lembrava ao mundo que a educação pode e deve ser um caminho para alcançar a paz mundial. Vinte e cinco anos depois, o Papa volta ao mesmo tema, enfatizando que "hoje isto é ainda mais urgente porque os homens, à vista das tragédias que continuam a afligir a humanidade, sentem-se tentados a ceder ao fatalismo, como se a paz fosse um ideal inacessível".

De fato, educar para a paz no atual momento da história é tarefa complexa e desafiadora. A crescente espiral do conflito em todas as suas formas está levando a uma "cultura" da violência, onde os valores primordiais da convivência humana são ignorados ou negados. A banalização da criminalidade e o recurso sistemático ao terrorismo e ao poderio bélico como forma de resolver litígios de ordem econômica, política ou ideológica, explorados pela mídia internacional, acabam sendo inculcados nas consciências, levando à conivência tácita com tal situação e, até mesmo, à convicção de que não existem alternativas viáveis para mudar a situação. As gerações mais jovens são, sem dúvida, as mais vulneráveis aos efeitos nocivos deste estado de coisas, as mais expostas à influência das tensões próprias de uma sociedade "turbada pelo egoísmo, o ódio, a sede de domínio e o desejo de vingança".

Como salienta o Papa na sua Mensagem, "as várias faces do prisma da paz já foram abundantemente ilustradas. Agora falta apenas agir para que o ideal da convivência pacífica, com as suas exigências concretas, penetre na consciência dos indivíduos e dos povos".

A interpelação contida nessa afirmação atinge diretamente a Vida Religiosa no seu compromisso de seguir Jesus e de recriar sua prática na história, através das suas muitas instituições, obras, iniciativas e práticas apostólicas. É hora da ação. É hora de unir-se a todos os esforços e iniciativas que estão acontecendo no mundo inteiro para reverter a situação e deter o curso da violência em qualquer de suas formas atuais. É hora de acreditar que a paz é possível, apesar das muitas evidências em contra. É hora de colaborar decididamente para a construção de uma "nova ordem internacional", de um outro mundo possível, de uma forma diferente de estabelecer relações entre pessoa, povos e nações. É hora de acolher na vida e na prática a proposta de Jesus – "felizes os construtores da paz" –, com tudo aquilo que ela significa de compromisso com a justiça, com a dignidade da pessoa humana, com a erradicação das causas de um mundo violento e gerador de violência. É hora de a Vida Religiosa se questionar seriamente sobre sua forma de posicionar-se neste mundo; sobre os valores que prioriza nas suas instituições, obras e relações; sobre as metas que se propõe alcançar na formação das novas gerações; sobre o tipo de relações que trata de criar e desenvolver nas suas próprias comunidades e no seu contexto de vida e missão.

O ano 2004 é um marco importante para a Vida Religiosa no Brasil, com a celebração do Jubileu da CRB. Muitas iniciativas já estão em curso, sob o tema dessas celebrações – "CRB 50 anos – Testemunho, Profecia e Esperança" –. O dia mundial da paz que inaugura o novo ano e no qual multidões incontáveis saíram às ruas de grandes metrópoles do mundo clamando pela paz e pelo fim do terror é uma pro-vocação à Vida Religiosa no seu propósito de ser testimonial, profética e geradora de esperança. Estamos de fato, como vocação profética, a serviço da justiça e da paz? Aceitamos o risco de "perder a vida" no compromisso por um *outro mundo possível*? Priorizamos aquelas formas de relação que são condição indispensável para que haja paz entre nós e no mundo? Atuamos corporativamente e em parcerias para que a solidariedade aconteça de fato na sociedade, suplantando o egoísmo predatório e consumista, o afã do lucro desmedido, a exclusão de qualquer tipo?

A exortação contida na encíclica "Pacem in Terris" de João XXIII, conserva sua atualidade e pode iluminar nossos questionamentos nesta hora grave da história: – "Participai ativamente na vida pública; contribuí para o bem comum da família humana e da própria comunidade política; procurai, à luz da fé e com a força do amor, que as instituições de finalidade econômica, social, cultural e política sejam de tal forma que não só não constituam obstáculo, senão que facilitem o acesso das pessoas ao seu bem-estar". Dessa maneira, estaremos contribuindo para que a paz aconteça na terra e poderemos ser contados entre os "construtores da paz".

Em meio às perplexidades e incertezas, às esperanças e alegrias deste início de um novo ano, Convergência quer

fazer chegar às comunidades uma mensagem de confiança no futuro, augurando que 2004 seja um momento propício para, no espírito do Jubileu, renovar o *testemunho* pessoal e coletivo, revigorar a audácia da *profecia*, e fazer crescer a *esperança*.

O artigo de João Batista Libanio – "Campanha da Fraternidade. Água: fonte de vida" – é um excelente texto sobre o tema da Campanha da Fraternidade de 2004. Na introdução, o autor salienta a extraordinária atualidade do tema, lembrando que "de muitos e diversos lugares brota um grito de S.O.S. em defesa da água". O texto parte de uma análise da realidade, ou seja, de uma apresentação de dados objetivos, estatísticos, onde os números falam por si mesmos da gravidade e urgência do problema, em nível mundial e de Brasil. Num segundo momento, o autor desenvolve uma exposição interpretativa do quadro hídrico que os dados delineiam, analisando-o desde diferentes ângulos de abordagem, tais como: – o uso universal da água; – a inter-relacionalidade do problema; – a questão da biodiversidade; – a influência do jogo do mercado; – o engodo e a verdade da escassez da água; o critério ético. Cada um desses aspectos é tratado com a lucidez e a competência que são características do autor, o que conferem ao artigo seriedade no tratamento do tema e riqueza de elementos para a reflexão. Nele as comunidades encontrarão um subsídio de singular importância para pensar as grandes questões que a temática da Campanha da Fraternidade deste ano coloca para todos e, em especial, para a Vida Religiosa. Como observa o autor na conclusão, "a CF 2004 quer criar em todos nós essa atitude de *cuidado* com a água. Implica nova maneira de vê-la, de aproximar-se dela, de tratá-la, de falar dela, de deixar-se impregnar por sua simbologia".

Marcos de Lima, SDB, no texto – "Jesus é a nossa paz" – apresenta uma interessante abordagem do tema da paz numa perspectiva cristã, tratando de responder a duas perguntas básicas: – "Quem é Jesus que é a nossa paz?" e "Que paz é Jesus para nós?". O artigo tem particular atualidade, na situação do mundo atual, onde a urgência da paz é sentida em todos os contextos. No início do texto o autor lembra a importância de que as palavras sejam adequadamente compreendidas, e se propõe mencionar ao longo do artigo, de modo espontâneo, "algumas situações, alguns âmbitos e cenários que incidem na avaliação diferenciada do conceito de paz". Com essa proposta em mente, o autor expõe as várias maneiras de entender o conceito paz na sociedade plural de hoje, detendo-se em algumas dessas percepções. Apresenta ainda uma visão bíblica da paz, partindo de textos do Antigo Testamento e de textos dos Evangelhos. Conclui lembrando que um legado prioritário de Jesus aos seus seguidores é a paz: "deixo-vos a paz"; "dou-vos a minha paz".

"Os grandes desafios da educação para o religioso/a hoje" – de Patrícia Quevedo, RSCJ – é um artigo de grande atualidade e bastante pro-vocador. A autora parte, na sua reflexão, de um

olhar contemplativo sobre a realidade do mundo de hoje, destacando algumas das características dessa realidade. Num segundo momento, dirige o olhar ao mundo dos jovens, procurando traçar, em breves pinceladas, uma visão dos principais desafios que emergem desse mundo dos jovens. Trata, finalmente, dos desafios para a educação hoje, desenvolvendo mais detalhadamente dois deles: - "educar para a paz" e "educar no e para o conflito". A autora na sua conclusão insiste na necessidade de "manter uma reflexão e discernimento contínuos sobre os desafios da educação, para poder anunciar com esperança que um outro mundo é possível".

No artigo "Mística evangélica do compromisso com os pobres", Frei Gilvander Luís Moreira apresenta uma reflexão sugestiva e questionadora. A partir do conceito de religião, tece em grandes linhas a natureza da Mística Evangélica — "motivação profunda e sólida para não apenas estar na missão, mas para fazer dela sua vida e sua causa maior". A íntima relação entre mística e espiritualidade é contemplada e valorizada no trinômio: paixão, compaixão e vontade transformadora. O autor desenvolve sua reflexão na perspectiva de uma Mística Evangélica profundamente comprometida com os pobres, lembrando como paradigmáticos o compromisso e a luta de Jesus ao lado deles, não de forma teórica mas relacional. No final do texto, o autor relata, exemplifica e propõe como caminho a ser seguido, a Mística de Jesus a partir da experiência do Bom Samaritano. Nesse texto as comunidades encontrarão um rico material de reflexão/oração e um estímulo para prosseguir a sua missão na ótica da opção pelos pobres, no seguimento de Jesus.

Johan Konings, SJ, no seu artigo "Liturgia e Bíblia na formação para a Vida Religiosa", tece considerações de caráter teológico-pastoral sobre a importância de uma boa fundamentação bíblico-litúrgica na formação hoje. Para o autor, "a liturgia é a escola bíblica por excelência". Para expor seu ponto de vista o autor destaca três momentos que considera de especial importância: - a liturgia dominical; - a liturgia eucarística ou celebração da Palavra diária; - a oração das horas. Menciona também outros caminhos de aproximação à Bíblia, insistindo, porém, que "é na liturgia que a Bíblia ocupa seu lugar preferencial, porque a Bíblia nasceu da liturgia, para a liturgia, para a assembléia do povo de Deus, quer na sinagoga judaica, quer na ekklesia cristã". O texto é sugestivo, muito apto a suscitar a reflexão, a partilha e o compromisso nas comunidades.

Mensagem de sua Santidade João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz

1° de janeiro de 2004

Um compromisso sempre atual: educar para a paz

Dirijo-me a vós, Chefes das nações, que tendes o dever de promover a paz!

A vós, Juristas, empenhados em traçar caminhos de pacífico entendimento, preparando convenções e tratados que reforçam a legalidade internacional!

A vós, Educadores da juventude, que em cada continente trabalhais incansavelmente para formar as consciências no caminho da compreensão e do diálogo!

E dirijo-me também a vós, homens e mulheres, que vos sentis tentados a recorrer ao inadmissível instrumento do terrorismo, comprometendo assim pela raiz a causa pela qual combateis!

Escutai todos o apelo humilde do sucessor de Pedro, que clama: hoje, no início do novo ano 2004, *a paz continua ainda possível*. E, se é possível, *então a paz é um dever!*

Uma iniciativa concreta

1. A minha primeira Mensagem para o Dia Mundial da Paz, no início de janeiro de 1979, estava centrada no lema: « *Para alcançar a paz, educar para a paz* ».

Aquela Mensagem de Ano Novo inseria-se no sulco aberto pelo Papa Paulo VI, de veneranda memória, que quisera, no dia primeiro de janeiro de cada ano, a celebração de um Dia Mundial de oração pela Paz. Recordo as palavras do saudoso Pontífice no dia de Ano Novo de 1968: « Seria nosso desejo que em seguida se repetisse anualmente esta celebração como voto e promessa – ao início do calendário que mede e expõe o caminho da vida humana no tempo – de que seja a paz, com o seu justo e benéfico equilíbrio, a dominar a evolução da história futura ».[1]

Assumindo o voto formulado pelo

venerado Predecessor na Cátedra de Pedro, quis continuar anualmente esta nobre tradição, dedicando o primeiro dia do ano civil à reflexão e à oração pela paz no mundo.

Ao longo dos vinte e cinco anos de Pontificado, que até agora o Senhor me concedeu, não cessei de levantar a voz, diante da Igreja e do mundo, para convidar os crentes, bem como todas as pessoas de boa vontade, a abraçarem a causa da paz, contribuindo para a realização deste bem primário e, deste modo, assegurando ao mundo uma era melhor de serena convivência e respeito mútuo.

Igualmente neste ano, sinto o dever de convidar os homens e mulheres dos vários Continentes a celebrarem um novo Dia Mundial da Paz. Com efeito a humanidade hoje tem ainda mais necessidade de reencontrar a estrada da concórdia, turbada como está por egoísmos e ódios, por sede de domínio e desejo de vingança.

A ciência da paz

2. As onze Mensagens dirigidas ao mundo pelo Papa Paulo VI foram progressivamente traçando as coordenadas do caminho a percorrer para se alcançar o ideal da paz. Pouco a pouco, o grande Pontífice foi ilustrando os vários capítulos de uma verdadeira e própria « ciência da paz ». Pode ser útil recordar os temas das Mensagens deixadas pelo Papa Montini para tal ocasião.[2] Cada uma delas mantém grande atualidade ainda hoje. Antes, confrontados com o drama das guerras que, ao início do terceiro milênio ainda ensangüentam vários quadrantes do mundo, sobretudo no Médio Oriente, aqueles documentos, nalgumas das suas passagens, ganham valor de advertências proféticas.

O silabário da paz

3. Pela minha parte, no curso destes vinte e cinco anos de Pontificado, procurei seguir pelo caminho empreendido pelo meu venerado Predecessor. Na aurora de cada novo ano, convidei as pessoas de boa vontade a refletirem sobre vários aspectos duma ordeira convivência, à luz da razão e da fé.

E deste modo nasceu uma síntese doutrinal sobre a paz, constituindo *como que um silabário* sobre este argumento fundamental: um silabário simples de compreender para quem tenha o espírito bem disposto, mas ao mesmo tempo extremamente exigente para toda a pessoa sensível à sorte da humanidade.[3]

---

[1] *Insegnamenti*, V (1967), 620.

[2] 1968: *O 1.º de Janeiro: Dia Mundial da Paz.* / 1969: *A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz.* / 1970: *Educar-se para a paz através da reconciliação.* / 1971: *Todo o homem é meu irmão.* / 1972: *Se queres a paz, trabalha pela justiça.* / 1973: *A paz é possível.* / 1974: *A paz também depende de ti.* / 1975: *A reconciliação, caminho para a paz.* / 1976: *As verdadeiras armas da paz.* / 1977: *Se queres a paz, defende a vida.* / 1978: *Não à violência, sim à paz.*

[3] Eis os temas dos sucessivos 25 Dias Mundiais da Paz: 1979: *Para alcançar a paz, educar para a paz.* 1980: *A verdade, força da paz.* / 1981: *Para servir a paz, respeita a liberdade.* / 1982: *A paz: dom de Deus confiado aos homens.* / 1983: *O diálogo para a paz, um desafio para o nosso tempo.* / 1984: *De um coração novo nasce a paz.* / 1985: *A paz e os jovens caminham juntos.* / 1986: *A paz é um valor*

As várias faces do prisma da paz foram já abundantemente ilustradas. Agora falta apenas agir, para que o ideal da convivência pacífica, com as suas exigências concretas, penetre na consciência dos indivíduos e dos povos. O esforço de educar a nós mesmos e aos outros para a paz, nós, cristãos, sentimo-lo como fazendo parte da índole mesma da nossa religião. De fato, para o cristão proclamar a paz é anunciar Cristo que é « a nossa paz » (*Ef* 2,14), anunciar o seu Evangelho que é « Evangelho da paz » (*Ef* 6,15), chamar todos à bem-aventurança de ser « obreiros da paz » (cf. *Mt* 5,9).

A educação para a paz

4. Já na Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1 de janeiro de 1979, eu lançara este apelo: « *Para alcançar a paz, educar para a paz* ». Hoje isto é ainda mais urgente, porque os homens, à vista das tragédias que continuam a afligir a humanidade, sentem-se tentados a ceder ao fatalismo, como se a paz fosse um ideal inacessível.

Ao contrário, a Igreja sempre ensinou, e ensina ainda hoje, um axioma muito simples: *a paz é possível*. Mais, a Igreja não se cansa de repetir: *a paz é um dever*. Esta há-de ser construída sobre as quatro colunas indicadas pelo Beato João XXIII na Encíclica *Pacem in terris*, ou seja, sobre a verdade, a justiça, o amor e a liberdade. Portanto, a todos os amantes da paz impõe-se uma obrigação, que é *educar as novas gerações para estes ideais*, a fim de preparar uma era melhor para a humanidade inteira.

A educação para a legalidade

5. Neste dever de educar para a paz, insere-se com particular urgência a necessidade de levar os indivíduos e os povos a *respeitarem a ordem internacional* e a observarem os compromissos assumidos pelas Autoridades, que legitimamente os representam. A paz e o direito internacional estão intimamente ligados entre si: *o direito favorece a paz.*

Desde os alvores da civilização, os grupos humanos que se iam formando tiveram o cuidado de estabelecer entre si acordos e pactos que evitassem o uso arbitrário da força e permitissem tentar uma solução pacífica das controvérsias à medida que iam surgindo. Deste modo, ao lado dos ordenamentos jurídicos dos diversos povos constituiu-se progressivamente outro conjunto de normas, que foi designado com o nome de *jus gentium* (direito das nações). Com o passar do tempo, este direito foi-se alargando e definindo à luz das vi-

---

sem fronteiras. Norte-Sul, Leste-Oeste: uma só paz. / 1987: *Desenvolvimento e solidariedade, chaves da paz.* / 1988: *Liberdade religiosa, condição para a convivência pacífica.* / 1989: *Para construir a paz, respeitar as minorias.* / 1990: *Paz com Deus criador, paz com toda a criação.* / 1991: *Se queres a paz, respeita a consciência de cada homem.* / 1992: *Os crentes unidos na construção da paz.* / 1993: *Se procuras a paz, vai ao encontro dos pobres.* / 1994: *Da família nasce a paz da família humana.* / 1995: *Mulher: educadora de paz.* / 1996: *Dêmos às crianças um futuro de paz.* / 1997: *Oferece o perdão, recebe a paz.* / 1998: *Da justiça de cada um nasce a paz para todos.* / 1999: *No respeito dos direitos humanos o segredo da verdadeira paz.* / 2000: *« Paz na terra aos homens, que Deus ama! »* / 2001: *Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor e da paz.* / 2002: *Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão.* / 2003: *« Pacem in terris »: um compromisso permanente.*

cissitudes históricas dos vários povos.

Este processo registrou uma forte aceleração com o nascimento dos Estados modernos. A partir do século XVI, juristas, filósofos e teólogos empenharam-se na elaboração dos diversos capítulos do direito internacional, ancorando-o em postulados fundamentais do direito natural. Ao longo deste caminho ganharam forma, com força sempre maior, *princípios universais que são anteriores e superiores ao direito interno dos Estados*, e que têm em conta a unidade e a vocação comum da família humana.

Dentre tais princípios ocupa seguramente lugar central o que afirma: *pacta sunt servanda*, os acordos livremente subscritos devem-se honrar. Tal é o fulcro e o pressuposto irrevogável de qualquer relação entre partes contraentes responsáveis. A sua violação não pode deixar de dar início a uma situação de ilegalidade e de conseqüentes atritos e contraposições que hão-de ter repercussões negativas duradouras. Torna-se oportuno lembrar esta regra fundamental, sobretudo nos momentos em que se nota a tentação de fazer apelo mais ao *direito da força* que à *força do direito*.

Um destes momentos foi, sem dúvida, o drama que a humanidade experimentou durante a II Guerra Mundial: um turbilhão de violência, destruição e morte como nunca antes se tinha conhecido.

A observância do direito

6. Com os horrores e as pavorosas violações da dignidade do homem que originou, aquela guerra levou a *uma profunda renovação do ordenamento jurídico internacional*. A defesa e a promoção da paz foram colocadas ao centro dum sistema normativo e institucional amplamente atualizado. Para velar pela paz e segurança globais, para estimular os esforços dos Estados em manterem e garantirem estes bens fundamentais da humanidade, os governos chamaram uma organização constituída para o efeito – a *Organização das Nações Unidas* – com um *Conselho de Segurança* dotado de amplos poderes de ação. Como fulcro do sistema pôs-se *a proibição do recurso à força*. Uma proibição que, segundo o conhecido capítulo VII da *Carta das Nações Unidas*, prevê apenas duas exceções. Uma é a que confirma *o direito natural à legítima defesa*, que se há-de exercer segundo as modalidades previstas e no âmbito das Nações Unidas: e, conseqüentemente, dentro dos limites tradicionais de *necessidade* e *proporcionalidade*.

A outra exceção é constituída pelo *sistema de segurança coletiva*, que atribui ao Conselho de Segurança a competência e a responsabilidade em matéria de manutenção da paz, com poder de decisão e ampla discricionariedade.

O sistema elaborado com a *Carta das Nações Unidas* deveria « preservar as futuras gerações do flagelo da guerra, que por duas vezes no arco de uma vida humana infligiu indescritíveis sofrimentos à humanidade ».[4] Nos decênios seguintes, porém, a divisão da comunidade internacional em blocos contra-

[4] *Preâmbulo.*

postos, a guerra fria numa parte do globo terrestre, os violentos conflitos desencadeados noutras regiões, o fenômeno do terrorismo causaram um progressivo abandono das previsões e expectativas do imediato pós-guerra.

Um novo ordenamento internacional

7. Entretanto é forçoso reconhecer que, embora com limites e atrasos em grande parte devidos às inobservâncias dos seus membros, a Organização das Nações Unidas contribuiu notavelmente para promover o respeito da dignidade humana, a liberdade dos povos e a exigência de desenvolvimento, preparando o terreno cultural e institucional sobre o qual construir a paz.

A ação dos governos nacionais receberá um forte encorajamento ao constatar que os ideais das Nações Unidas são largamente difundidos sobretudo através dos gestos concretos de solidariedade e de paz das numerosas pessoas que trabalham nomeadamente nas *Organizações Não-Governamentais* e nos *Movimentos* a favor dos direitos do homem.

Trata-se de um significativo estímulo para uma reforma que torne a Organização das Nações Unidas capaz de funcionar eficazmente em ordem à consecução dos próprios fins estatutários, válidos ainda hoje: « A humanidade, ao enfrentar uma fase nova e mais difícil do seu verdadeiro desenvolvimento, hoje tem necessidade de um *grau superior de ordenamento internacional* ».[5] Os Estados devem considerar tal objetivo como uma concreta obrigação moral e política, que requer prudência e determinação. Renovo o voto que formulei em 1995: « É necessário que a Organização das Nações Unidas se eleve cada vez mais do estado frio de instituição de tipo administrativo ao de centro moral, onde todas as nações do mundo se sintam como em casa própria, desenvolvendo a consciência comum de serem, por assim dizer, uma *"família de nações"* ».[6]

A chaga funesta do terrorismo

8. Hoje o direito internacional tem dificuldade em oferecer soluções para a conflitualidade originada pelas mudanças na fisionomia do mundo contemporâneo. Com efeito, essa conflitualidade conta com freqüência entre os seus protagonistas *atores que não são Estados*, mas entes derivados da desagregação dos Estados, ou ligados a reivindicações independentistas, ou conexos com aguerridas organizações criminosas. Um ordenamento jurídico, constituído por normas elaboradas ao longo de séculos *para disciplinar as relações entre Estados soberanos,* sente-se em dificuldade para fazer frente a conflitos onde agem também *entes não redutíveis aos tradicionais caracteres da estadualidade*. Isto verifica-se particularmente no caso dos grupos terroristas.

Nestes últimos anos, a chaga do terrorismo ficou mais virulenta produzindo

[5] JOÃO PAULO II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis* (30 de dezembro de 1987), 43: *AAS* 80 (1988), 575.
[6] *Discurso à qüinquagésima Assembléia Geral das Nações Unidas* (Nova Iorque, 5 de outubro de 1995), 14: *L'Osservatore Romano* (ed. port. de 14/X/95), 493.

cruéis massacres, que têm tornado cada vez mais hirto de obstáculos o caminho do diálogo e das negociações, exacerbando os ânimos e agravando os problemas, particularmente no Médio Oriente.

Todavia, para sair vencedora, *a luta contra o terrorismo não pode exaurir-se meramente em operações repressivas e punitivas*. É essencial que o recurso necessário à força seja acompanhado por uma análise corajosa e lúcida das *motivações subjacentes aos ataques terroristas*. Ao mesmo tempo, o empenhamento contra o terrorismo deve traduzir-se também no plano *político e pedagógico:* por um lado, removendo as causas que estão na origem de situações de injustiça, donde brotam tantas vezes os impulsos para os atos mais desesperados e sangrentos; por outro, insistindo numa educação inspirada pelo respeito da vida humana em todas as circunstâncias: com efeito, a unidade do gênero humano é uma realidade mais forte que as divisões contingentes que separam homens e povos.

Na forçosa luta contra o terrorismo, o direito internacional é agora chamado a elaborar instrumentos jurídicos dotados de eficientes mecanismos de prevenção, monitorização e repressão do crime. Em todo o caso, os governos democráticos bem sabem que o uso da força contra os terroristas *não pode justificar a renúncia aos princípios dum Estado de direito*. Seriam inaceitáveis opções políticas que buscassem o sucesso sem ter em conta os direitos fundamentais do homem: *o fim não justifica os meios!*

O contributo da Igreja

9. « Bem-aventurados os obreiros da paz, porque serão chamados filhos de Deus » (*Mt* 5, 9). Como poderia esta palavra, que convida a agir no imenso campo da paz, encontrar ressonâncias tão intensas no coração humano, se não correspondesse a um anseio e a uma esperança que vivem, indestrutíveis, em nós? E que outro motivo poderá haver para os obreiros da paz serem chamados filhos de Deus, se não porque Ele, por natureza, é o Deus da paz? Por isso mesmo, no anúncio de salvação que a Igreja proclama pelo mundo, há elementos doutrinais de importância fundamental para a elaboração dos princípios necessários para uma pacífica convivência entre as Nações.

As vicissitudes históricas ensinam que a construção da paz não pode prescindir do respeito duma ordem ética e jurídica, segundo esta máxima antiga: « *Serva ordinem et ordo servabit te* » (preserva a ordem, e a ordem te preservará). O direito internacional deve evitar que prevaleça a lei do mais forte. O seu objetivo essencial é substituir « a força material das armas pela força moral do direito »,[7] prevendo apropriadas sanções para os transgressores, bem como adequadas reparações para as vítimas. Isto deve valer também para os governantes que violam impunemente a dignidade e os direitos do homem, escudando-se sob o pretexto inaceitável de que se trata de questões internas ao seu Estado.

Relevante foi, ao longo dos séculos,

[7] BENTO XV, *Apelo aos Chefes dos povos beligerantes* (1 de agosto de 1917): *AAS* 9 (1917), 422.

o contributo doutrinal oferecido pela Igreja, através da reflexão filosófica e teológica de numerosos pensadores cristãos, para orientar o direito internacional para o bem comum da família humana inteira. De modo particular na história contemporânea, os Papas não hesitaram em sublinhar a importância do direito internacional como garantia de paz, na convicção de que « o fruto da justiça é semeado em paz por aqueles que praticam a paz » (*Tg* 3,18). Através dos instrumentos que lhe são próprios, a Igreja tem-se empenhado neste caminho, à luz perene do Evangelho e com o auxílio indispensável da oração.

A civilização do amor

10. No final destas considerações, porém, sinto o dever de recordar que, para a instauração da verdadeira paz no mundo, *a justiça deve ser completada pela caridade*. O direito é certamente a primeira estrada a seguir para se chegar à paz; e os povos devem ser educados para o respeito do mesmo. Mas, não será possível chegar ao termo do caminho, se a justiça não for integrada pelo amor. Justiça e amor aparecem às vezes como *forças antagonistas*, quando, na verdade, não passam de *duas faces duma mesma realidade*, duas dimensões da existência humana que devem completar-se reciprocamente. É a experiência histórica que o confirma, mostrando como freqüentemente a justiça não consegue libertar-se do rancor, do ódio e até da crueldade. *A justiça, sozinha, não basta*; e pode mesmo chegar a negar-se a si própria, se não se abrir àquela força mais profunda que é o amor.

É por isso que, várias vezes, recordei aos cristãos e a todas as pessoas de boa vontade *a necessidade do perdão* para resolver os problemas quer dos indivíduos quer dos povos. *Não há paz sem perdão!* E repito-o nesta circunstância, tendo diante dos olhos sobretudo a crise que continua a embravecer na Palestina e no Médio Oriente: uma solução para os gravíssimos problemas, de que sofrem há tanto tempo as populações daquelas regiões, não será encontrada enquanto não se decidirem a superar a lógica da mera *justiça* para se abrirem também à do *perdão*.

O cristão sabe que o amor é o motivo pelo qual Deus entra em relação com o homem; e é o amor também que Ele espera do homem como resposta. Por isso, o amor é *a forma mais alta e mais nobre de relação* dos seres humanos inclusive entre si. Conseqüentemente o amor deverá animar todos os setores da vida humana, estendendo-se também à ordem internacional. Só uma humanidade onde reine a « civilização do amor » poderá gozar duma paz autêntica e duradoura.

Ao início de um novo ano, quero recordar às mulheres e aos homens de toda a língua, religião e cultura esta máxima antiga: « *Omnia vincit amor* » (o amor tudo vence). Sim, queridos Irmãos e Irmãs de todos os ângulos da terra, no fim o amor vencerá! Cada um se esforce por apressar esta vitória. No fundo, é por ela que anela o coração de todos.

Vaticano, 8 de dezembro de 2003.

Joannes Paulus PP. II

Mensagem ao Povo de Deus
"Não podemos calar o que vimos e ouvimos"
CAM2 – COMLA7

Do coração da América, saudamos as Igrejas que peregrinam no continente americano e nas ilhas do Caribe: "Graças e paz a vocês da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo o Senhor" (2Ts 1,2).

1. No espírito de "Igreja na América"

Ao concluir na Cidade da Guatemala os trabalhos do II Congresso Americano Missionário (CAM2), que é ao mesmo tempo o VII Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA7), brota espontâneo em nossos corações, transbordantes de esperança e alegria, um cântico de ação de graças ao Deus da Vida, que nos convida a compartilhar com todos os irmãos.

Durante estes dias, experimentamos a unidade fundamental que nos dá a comunhão na mesma fé, na mesma esperança e na mesma caridade. Superando as fronteiras e as barreiras de línguas e culturas, nos enriquecemos mutuamente com o intercâmbio de experiências, realizações e compromissos na urgente e gloriosa tarefa de anunciar o Evangelho como testemunhas fiéis de Jesus Cristo.

Vivemos um Congresso que se apresenta como um "sinal de unidade de todos os povos do continente" (João Paulo II, Mensagem ao CAM2, n. 5). Durante uma semana, partilhamos um "cenáculo missionário" que reuniu filhos e filhas da Igreja procedentes de todos os rincões do continente americano, desde o Pólo Norte até o Pólo Sul, passando pelas ilhas do Caribe.

2. A partir da pequenez, da pobreza e do martírio

Pela primeira vez na história do "continente da esperança", a preparação deste acontecimento foi assumida por um grupo de países. Nela, com efeito, se envolvem todas as Igrejas particulares do istmo ;com o acompanhamento do Secretariado Episcopal da América Central (SEDAC); lideradas por seus bispos e vigários de Pastoral e animados pelas Obras Missionárias Pontifícias.

Uma das características mais originais do CAM2 – COMLA7 é o ter sido preparado com uma consciência clara de que se fazia "a partir da pequenez, da pobreza e do martírio".

Sim, nosso Congresso foi realizado partindo da pequenez desta região da América, que significa pouco para as nações poderosas do mundo. Mas a experiência que vivemos na fé como "pequeno rebanho" (Lc 12,32) nos deu uma nova e mais profunda compreensão da parábola do grão de mostarda, que "se desenvolve e se faz uma árvore, e os pássaros do céu habitam em seus galhos" (Lc 13,19). É a pequenez à qual canta alegre a Virgem do Magnificat, ao exaltar a ação de Deus nos pobres, como resplandece na edificante vida do Santo Irmão Pedro de São José Betancur e San Juan Diego.

Vivemos também um Congresso preparado partindo da pobreza que golpeia cruelmente os povos centro-americanos que Deus nos revelou em seu filho Jesus Cristo, "o primeiro e o maior evangelizador" (2Cor 8,9). Cristo, com efeito, realizou sua missão na pobreza, no desprendimento e na perseguição. Como Ele seguindo o convite do documento de Puebla "devemos dar a partir nossa pobreza" (n. 368). Nossos povos são pobres em bens materiais, mas têm a riqueza imensa da fé. Podemos, então, dizer que são ricos porque a falta de fé é a maior das pobrezas.

A partir da pequenez e da pobreza da América Central, ansiamos impulsionar a missão sem ter outros recursos para o anúncio do Evangelho a não ser um coração cheio de fé e esperança, mãos generosas para compartilhar e pés pressurosos para fazer levar com urgência a Palavra do Senhor, verdadeiro dom de Deus para todos os povos.

Aqui compreendemos melhor que o Senhor atua por meio de seu Espírito, apesar de nossa pequenez, quando não confiamos em nossas próprias forças mas no poder de Deus. Por isso, "desde o coração da América, desde nossa pequenez e de nossa pobreza" ;como diz o hino oficial do Congresso gritamos ao mundo nosso lema: "Igreja na América, tua vida é missão!". Nestes dias de graça, vislumbramos que brilhará uma grande luz para o mundo, se acolhemos a palavra do Senhor que nos envia a evangelizar além de nossas fronteiras.

Veremos surgir esta "nova luz" sobretudo da recente vivência martirial das Igrejas que nos acolheram com tanta cordialidade e fraternidade. Por isso dizemos que o CAM2 – COMLA7 foi celebrado desde o martírio. Durante todos estes dias, estiveram presentes em nossa mente os numerosos mártires destas terras leigos em sua maioria catequistas e delegados da palavra; também religiosos, religiosas e sacerdotes. Entre os "testemunhos fiéis" até a efusão do sangue que fecundou os sulcos do Evangelho, evocamos de maneira especial Dom Oscar Arnulfo Romero e Dom Juan Gerardi. Os nomes de muitos outros mártires somente são conhecidos por Deus.

Nos emociona a homenagem que rendeu a todos o Vigário de Cristo, quando disse: "Inclino-me com reverência ante o sacrifício destes humildes e valentes trabalhadores da vinha do Senhor (...)

aos quais foi dado não só crer no Evangelho e proclamá-lo, mas que chegaram a derramar seu sangue no serviço à Palavra de vida" (Carta aos bispos de Guatemala, 02.12.84).

3. O chamado à missão é uma vocação à santidade

Na sessão inaugural do Congresso, escutamos com devoção a mensagem de Sua Santidade João Paulo II, que nos recordou que "a história da evangelização do continente americano (...) mostra a íntima relação entre santidade e missão" (João Paulo II, Mensagem ao CAM2, n. 2). O mesmo constata com alegria que, há mais de cinco séculos, "o Espírito do Senhor suscitou nestas benditas terras maravilhosos frutos de santidade em homens e mulheres que, fiéis ao mandato missionário do Senhor, entregaram sua própria vida ao anúncio da mensagem cristã, inclusive em circunstâncias e condições heróicas" (Ibid).

Durante estes dias oramos com os povos indígenas da Guatemala. Suas orações lhes levam com toda naturalidade a contemplar a Deus na criação e em seu plano de Redenção, a confiar-lhe a dor e o sofrimento, a manter a esperança quando o horizonte parece completamente obscuro, a descobrir sua presença nas coisas e nos gestos mais simples, a dar-lhe graças porque sua ternura maternal de Pai se expressa de múltiplas maneiras. Ao ver como expressam sua fé em Jesus Cristo e seu amor à Igreja desde os valores de sua cultura, reafirmamos nosso convencimento de que o Reino de Deus nasce nos corações a partir da pequenez, da pobreza e do martírio.

4. "Igreja na América, tua vida é missão"

Na alvorada do novo milênio, o Vigário de Cristo repetiu a todos os filhos e filhas da Igreja o grande convite do Senhor a entrar sem medo nas águas profundas da história presente. Por meio dele, Cristo renova seu mandato iniludível, o mesmo que fez exclamar a Paulo: "Ai de mim se não anuncio o Evangelho!" (1Cor 9,16). Por isso, ao contemplar o espetáculo esplêndido de mais de três mil católicos que participaram neste "cenáculo continental" ressoaram em nosso coração as palavras do Profeta: "Que maravilhosos são sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz boas notícias, que anuncia a salvação, que diz a Sião: 'reina teu Deus'!" (Is 52,7).

Devemos compartilhar o mais belo que recebemos no dia de nosso batismo: o dom da fé. Daí brota como de uma fonte viva nossa vocação e compromisso à missão "Ad gentes": Os povos que habitavam a América receberam o Evangelho, primeiro, do continente europeu e, logo, pela cooperação das Igrejas particulares do mesmo continente americano. Ainda há poucos anos, os países do norte enviavam sacerdotes, religiosos e religiosas como missionários ao sul. Ao contrário, hoje em dia, a migração cada vez mais numerosa procede dos países empobrecidos do sul, homens e mulheres latino-americanos e caribenhos estão presentes nas grandes cidades do norte.

Lemos nos Atos dos Apóstolos que os primeiros cristãos se dispersaram ao desatar a perseguição em Jerusalém, mas no caminho iam anunciando Jesus Cristo. Algo semelhante sucede hoje com inumeráveis irmãos e irmãs que abandonaram suas terras fugindo de graves perigos ou buscando um futuro melhor. Muitos chegaram aos países do norte da América armados de sua fé profunda em Jesus Cristo e seu amor entranhável à Igreja. Na realidade podemos considerá-los como enviados e missionários de Deus, porque por seu testemunho recordam a quem vive na abundância, os valores autênticos do Evangelho. Nos comprometemos a acompanhar as Igrejas de onde procedem, e as Igrejas às quais chegam desejamos oferecer-lhes uma acolhida cada vez mais fervorosa.

Com humildade recolhemos o desafio que o sucessor de Pedro nos lançou: "Este Congresso está orientado para tal tarefa. Respondei, pois, com prontidão ao chamado do Senhor. Manifestai o desejo de ser testemunhas alegres e apóstolos entusiastas do Evangelho até os últimos confins da terra, mediante o testemunho de uma vida santa!" (João Paulo II, Mensagem ao CAM2, n. 3).

5. "Não podemos calar o que vimos e ouvimos" (Atos 4,20)

O Congresso que hoje encerramos foi uma profunda experiência de encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo ressuscitado. Desde esta vivência inesquecível nos lançamos ao futuro, proclamando com os apóstolos que "não podemos calar o que vimos e ouvimos" (Atos 4,20).

Não podemos calar quando nos damos conta de que mais da metade dos católicos do mundo vive sua fé no continente americano. Por isso anunciamos com alegria que como fruto do CAM2 – COMLA7, será criada na América Central um centro de formação e animação de missionários "Ad Gentes".

Que Santa Maria de Guadalupe, primeira evangelizadora da América, junto com os Mártires, Santos e Santas de nosso continente, intercedam ante Jesus para que derrame abundantemente suas graças sobre a Igreja que peregrina na América e assim possa responder com maior generosidade seu compromisso missionário em bem da Igreja Universal.

Guatemala da Assunção,
29 de novembro de 2003.

"A história da evangelização do continente americano (...) mostra a íntima relação entre santidade e missão"

Campanha da Fraternidade
Água: fonte de vida

J. B. Libanio

Introdução

Lá no início da filosofia, alguns pensadores julgavam que eram quatro os elementos fundamentais: ar, terra, água e fogo. Aos olhos de hoje parece quase uma ingenuidade entender a realidade a partir deles, já que conhecemos mais de 100 elementos no Universo, embora vários tenham sido produzidos artificialmente em um reator nuclear ou em uma explosão nuclear. Alguns físicos especulam sobre a existência de elementos com números atômicos de 164 ou superiores, mas ainda não se encontrou evidência dos mesmos[1] No entanto, que sabedoria tinham os antigos!

Em pleno terceiro milênio, o ar, a água e a terra estão no epicentro da crise atual. O ar se polui cada vez mais com terríveis conseqüências para a saúde humana. Estão aí os espectros da industrialização e da urbanização com os motores a gasolina ou diesel a vomitar bilhões e bilhões de m^3 de dióxido de carbono, envenenando a atmosfera.

A terra continua no centro de lutas e guerras, seja dentro dos países, seja entre eles. Basta ver entre nós as polêmicas que cercam o tema da reforma agrária, do MST. E uma mirada rápida sobre o Oriente Médio revela a virulência fratricida em torno da terra.

E a água? A irmã água de S. Francisco, "útil e humilde, preciosa e casta" não é tão inocente e pura. Esconde uma série enorme de problemas. A CF 2004 tocou em imenso vespeiro, ao escolher o tema da água e, ainda mais, sob a perspectiva da vida[2]

O momento conjuntural é propício para

[1] Enciclopédia Microsoft® Encarta®. © 1993-2001 Microsoft Corporation.

[2] Vários dados e considerações deste artigo são tomados de: CNBB, Água, fonte de vida. Fraternidade e água. Texto-base da Campanha da Fraternidade 2004, São Paulo, Salesiana, 2004 e de <A. J. Gonçalves, Reflexões sobre a CF\2004: Água, fonte de vida – Setor Pastoral Social da CNBB, in www.cnbb.org.br, disponível em 27/10/03>

tal reflexão. De muitos e diversos lugares, brota um grito de S.O.S. em defesa da água. O movimento ecológico explora a evidência de que qualquer proteção e salvaguarda do meio ambiente passa pelo tratamento da questão da água. Não há nenhum tipo de vida – vegetativa, animal ou humana – para a qual a água salubre não seja absolutamente indispensável. A morte da água é a morte da vida. E o fim dos ecossistemas. É um ponto fundamental na luta ecológica.

Os Estados despertam para essa realidade estratégica. Uns estendem os tentáculos do poderio e da ganância para as regiões ricas em recursos hídricos a fim de abocanhá-los. É o lado político internacional da água. O Governo brasileiro, já desde longa data, defronta-se com a seca nas regiões do Nordeste semi-árido. Só que até hoje se nutriu uma indústria da seca em benefício das oligarquias políticas locais. Atualmente se fala do projeto cisterna em articulação com o Fome Zero. Há esperanças no ar em relação à água.

As Igrejas, com sentido social e evangélico, pensam pastorais em torno da água. Daí a escolha desse tema para a atual CF. Com espírito ético semelhante, a sociedade civil mobiliza-se em torno dessa questão por meio de ONGs, movimentos sociais, associações e entidades beneficentes.

O sonho da CF vai mais longe. Imagina uma ação conjunta, necessária e inadiável, de corpos sociais nacionais e internacionais, de Estados e nações, para salvar o planeta Terra. A água é fonte de e da vida. O acesso à água é patrimônio e direito da humanidade e de todos os seres vivos. Por isso se faz necessário o controle sobre ela por parte de Organizações Internacionais e do Estado juntamente com a participação da sociedade nas comunidades locais.

I. Dados objetivos: estatísticos

Já se tornou um hábito mental por influência do antigo método da Ação Católica, assumido pela Constituição *Gaudium et Spes* do Vaticano II e desenvolvido pela teologia da libertação latino-americana, começarmos as reflexões a partir de um olhar analítico sobre a realidade.

A água é um dado biológico. O nosso corpo de adulto constitui-se de 70% de água enquanto o do bebê atinge a proporção de 90%. Tanto no processo microevolutivo quanto no macro a vida se imbrica com a água. O feto nada no líquido amniótico até que venha à luz. Há três bilhões de anos surgem as formas de vida da água e de lá vieram para a Terra. Diferentemente do mito adâmico – no princípio era o barro –, a ciência aponta para o princípio da água – no princípio era a água. Aliás as primeiras páginas do Gênesis aludem ao Espírito pairando sobre ás águas. "Quando Deus iniciou a criação do céu e da terra, a terra era deserta e vazia, e havia treva na superfície do abismo; o sopro de Deus pairava na superfície das águas" (Gn 1,1-2).

A generosidade criativa já assinala a relevância da água. 70% da superfície da Terra cobre-se de água, sem falar das águas subterrâneas. Dessas águas, mais de 97% são salgadas. Imenso órgão marítimo que regula o ritmo da vida de todo o planeta.

Eis que os humanos começaram a interferir demasiadamente no equilíbrio hídrico do planeta. Os dados estarrecem.

A maioria das doenças endêmicas vêm de água imprópria. A metade dos leitos de hospital do mundo são ocupados por doentes, vítimas de água contaminada. Com efeito, 1,2 bilhão de pessoas não têm água de qualidade para beber. 2,4 bilhões carecem de serviços sanitários. As perspectivas da ONU para 2050 são nada róseas. A 40% da humanidade faltará água viva, na expressão da Escritura.

Não se exagera ao considerar-se a água, se não como um ser vivo, ao menos, como fonte de vida. Com correção de linguagem merece o nome de crimes os atentados contra a água. São inúmeros. Só a simples listagem nos assusta. Envenena-se a água por meio de agrotóxicos, de resíduos industriais, de metais pesados, de mercúrio nos garimpos, de dejetos urbanos e hospitalares. Danificam-se os rios por construção de barragens, pela destruição de suas fontes, pela devastação das matas ciliares que margeiam o curso de água. Destroem-se os mananciais e nascentes por meio de uma agricultura selvagem ou por uso impróprio da terra. Os lençóis freáticos têm sido contaminados pelo emprego abusivo de agrotóxicos, de dejetos de criações de animais em escala industrial, sobretudo de suínos. Os mangues são depredados ou aterrados para construção de vias ou blocos residenciais.

Tais considerações valem para quase todo o mundo. No caso do Brasil, o cenário torna-se ainda mais dramático. Temos 53% da reserva hídrica do hemisfério Sul e 12% do total mundial, se medimos a descarga fluvial, sem falar do manancial subterrâneo. Além disso, temos um regime pluvial privilegiado, já que chove em todo o território nacional. Mesmo no semiárido pernambucano, onde se encontra a menor disponibilidade de água por pessoa no país, a média de 1.270m^3 por pessoa/ano supera a quota de1.000, considerada nível de estresse.

A tristeza vem agora. Desta massa gigantesca fluvial, 70% estão contaminados. O rio São Francisco morre lentamente, os lençóis se contaminam rapidamente, a chuva não é aproveitada. O fato de o país possuir 25% da área cultivável do Planeta se transforma numa espada de dois gumes. Há um horizonte promissor de celeiro do mundo. Mas se a agricultura não estiver sob sério controle ecológico, ela contaminará imensas massas hídricas. A irrigação não só retira a água e o faz, com freqüência, de maneira irracional, como também a devolve inquinada. Destrói duplamente o equilíbrio das águas.

A distribuição das águas no Brasil sofre por natureza enorme desequilíbrio. 70% delas localizam-se na região amazônica, 15% no Centro-Oeste, 6% no Sul e Sudeste e finalmente 3% no Nordeste. Um último toque sobre o panorama ecológico do país sob a perspectiva da água. Guardamos nas nossas áreas verdes 15% da biodiversidade mundial. E sabemos que ela está intimamente associada à presença da água. Ambas desaparecem simultaneamente e numa causalidade recorrente.

II. Quadro interpretativo

Este é o quadro hídrico que nos provoca a reflexão. Esta é plural. Escolhemos ângulos a partir dos quais interpretaremos os dados objetivos sobre a água. Nada fizemos para que existisse

tanta água no Brasil. Presente da natureza. E cremos que por detrás da natureza existe o Criador delas, que foi e é pródigo em seus dons. Cabe-nos a responsabilidade de administrar e gerenciar esse bem maravilhoso da água.

1. Uso universal da água

Dos quatro elementos fundamentais é a água juntamente com o ar, o bem mais universal. Sem fogo viveram os humanos, milhares, senão milhão de anos. Pode-se imaginar uma vida sobre as águas, reduzindo a terra ao mínimo. Mas nenhum organismo consegue viver minutos sequer sem ar, nem certo tempo sem água. O uso da água faz parte do cotidiano. Beber, cozer, lavar, cuidar da higiene consumem 18% da água no Brasil.

O quinhão maior leva a irrigação. Gasta 72% da água do Planeta, sendo que o Brasil está um pouco abaixo dessa média alcançando 63%, mas em processo de expansão. País, como a Turquia, absorve 92% da água na irrigação. Tal quantidade põe em risco a sustentabilidade de ecossistemas.

Até agora a irrigação considera unicamente a racionalidade tecnológica e econômica da produção. Não se tem pensado em outros aspectos importantes, como se disse acima, da diferença da qualidade da água que se usa e da que se devolve à terra. Deveria ser no mínimo a mesma, e nunca pior, a fim de evitar um processo crescente de degradação. Se a água devolvida na irrigação for ainda mais pura que a captada, entraremos em verdadeiro processo de recuperação das águas. Além disso, não se faz necessária a irrigação para qualquer produto agrícola, nem é praticada em todos os lugares.

O Brasil representa caso raro no uso da água na geração de energia. Se a média no mundo é de 25%, o Brasil produz 97% de sua energia por meio de hidrelétricas. Aqui há um continente de questões. No Governo anterior, vivemos a febre da privatização das transmissoras de eletricidade. Pretendeu-se atingir também as geradoras. Lembramo-nos das cenas cômico-dramáticas de tropas de Minas protegendo Furnas de possível privatização. Olhos argutos viam, por detrás da privatização das hidrelétricas, uma luta surda pela posse privatizada e controlada das gigantescas massas hídricas das represas.

Mais: a construção de barragens para as hidrelétricas não é empreendimento inocente e sem conseqüências perversas. Inundam-se solos férteis, danifica-se a biodiversidade das regiões inundadas, impede-se, em certos casos, a piracema necessária para a conservação dos peixes, sem falar dos problemas sociais e culturais dos ribeirinhos.

O avanço na construção de represas para a produção de eletricidade a partir da água aparece pela simples leitura dos números. Em 1970, o país produzia 9.088 GW, enquanto em 2001 a produção subia para 62.020 GW. Contabilizam-se, em 2002, 433 centrais elétricas em operação no Brasil. Números pomposos e sinalizadores de progresso. Atrás deles esconde-se muita morte para ás águas.

A navegação é outra atividade humana sobre as águas. Mais econômica, implica menores investimentos. Uma das atividades mais antigas da huma-

nidade. Tem seu preço à medida que ela interfere no leito do rio com conseqüências para o meio ambiente. Temos uma rede hidroviária de 40 mil km.

No olho do furacão da crise da água está o uso industrial e urbano. É a ferida exposta da agressão à água. Fábricas de celulose e tantas outras vertiam e talvez ainda o façam sua horrorosa poluição nos riachos e rios. Crime horrível que se comete no silêncio da complacência dos poderes e da inércia da sociedade. Os sistemas urbanos de lixo e de esgoto são culpados por grande parte da contaminação das águas. Os rios, que banham as cidades, transformam-se em verdadeiras cloacas. As mineradoras e os garimpos perpetram crimes horríveis contra a sanidade das águas.

Há um uso da água que se articula mais diretamente com a vida e de menor risco, embora não isento de todo. Está aí a pesca, sobretudo na forma artesanal e respeitosa dos ritmos de vida dos peixes. É uma atividade que emprega 140.760 pescadores com 26.782 embarcações. Como sobrevivem de uma pesca pequena, cuidam para que não se dizimem as espécies písceas. Por sua vez, são eles as primeiras vítimas da sobrepesca, da pesca industrial sem controle, da destruição dos mangues, da contaminação das águas. É a luz amarela que acende alertando para o próximo sinal vermelho da morte dos peixes.

As águas tanto marítimas como fluviais criam cenários maravilhosos. E em torno delas gera-se a indústria do turismo. Outra espada de dois gumes. Há o lado humano e maravilhoso de usufruir das belezas da natureza. E Deus foi generoso, ao pintar de tanto esplendor a tela da criação. Mas aonde chega o ser humano, especialmente esse homem moderno carregado de tantos apetrechos de passeio, dificilmente não deixa um rastro de morte, de montanhas de plástico, de lixos mal condicionados. No irônico romance de Ignacio de Loyola Brandão "Não verás país nenhum", vemos uma sociedade afogada num mar de objetos plásticos. É nova praga industrial. Lugares lindos de turistas incivis se enfeiam rapidamente com os restos que deixam atrás de si.

Minas Gerais tem um belíssimo circuito de cidades com fontes de águas minerais e termais. Com a deterioração da água comum das cidades, a água mineral vem sendo cada vez mais industrializada e explorada em seus efeitos medicinais. Corre-se o risco de um sobreuso que venha produzir o estancamento de tais fontes.

2. Inter-relacionalidade do problema

Já o simples quadro exposto aponta para a complexidade da questão da água. Cabe ainda aprofundar-lhe a problemática e suas ramificações. A água é, ao mesmo tempo, efeito e vítima de uma série de situações criadas pelo atual modelo de desenvolvimento e origem de outros tantos males humanos e sociais.

Já indicamos acima alguns crimes contra a água. Vale a pena retomá-los e ampliá-los: o desmatamento, a industrialização em geral e, em particular, a das madeireiras e mineradoras; a urbanização concentrada e poluidora, o tipo de agricultura à base de agrotóxicos agressivos, a contaminação por criações

concentradas com alimentos industriais, a agressão terrivelmente destrutiva dos bombardeios - como foi o caso da bomba Napalm no Vietnam; o lixo nuclear, a refrigeração com aquecimento da água dos rios e a conseqüente mortandade de peixes; o aquecimento da calota terrestre e suas conseqüências desastrosas com desequilíbrios climáticos de frios rigorosos ou chuvas torrenciais e calores exagerados.

Esta é a dor que a água sofre de um ser humano que não a respeita. Mas, por sua vez, a água maltratada vinga-se produzindo doenças, semeando morte e destruição. A mesma água fonte de e da vida se transforma em fonte de e da morte, ao tirar-se-lhe a qualidade de vida.

No mundo acadêmico, um problema, como o da água, vem sendo tratado multidisciplinarmente, ao perceber-se que nenhuma ciência ou enfoque dá conta cabal dos problemas aí envolvidos. Cada ciência estuda-a sob um ponto de vista.

As ciências naturais vêem-na na sua composição química, nas suas propriedades físicas, na sua valência biológica, na sua incidência botânica, na sua relevância para a fauna e flora, na condição fundamental para os ecossistemas e tantos outros aspectos.

A tecnologia doma-lhe a força, insere-a nos tubos das máquinas, capta-lhe mil e uma utilidades. A economia merece um capítulo à parte tal é a importância da água nos atuais e futuros jogos comerciais. A política organiza suas estratégias para enfrentar tempos turbulentos. A filosofia não esquece que desde seu berço a água entrou no quadro de seu pensar. Finalmente, a religião e a teologia convivem com o simbolismo da água sob formas diversas. Está aí amplo programa a ser trabalhado ao longo da CF.

3. Biodiversidade

Faz parte de qualquer agenda ecológica o tema da biodiversidade. Tornou-se palavra mágica no vocabulário dos defensores do meio ambiente. Biodiversidade, também chamada de diversidade biológica, é a variedade de organismos vivos em um hábitat, ou zona geográfica determinada. Geralmente mede-se pelo número de espécies ou subespécies de plantas, animais e microorganismos. A diversidade de espécies é imprescindível para o funcionamento natural dos ecossistemas e, portanto, é um indicador do estado de saúde de determinado meio[3]. O problema não é a existência da biodiversidade, mas sua destruição por muitos fatores, desde as monoculturas até a desertificação.

A água circula pelos tecidos vegetais, animais e humanos, como verdadeiro sangue nas veias do organismo vivo chamado Terra. Hoje o sangue se tornou mercadoria. E a água está a seguir o mesmo caminho. Mas, em princípio, ela é, antes de tudo, bem de primeira e extrema necessidade para a manutenção de toda vida. As ciências da vida insistem na interdependência dos seres vivos. A morte de um tipo de ser vivo acarreta conseqüências maléficas para outros e, às vezes, situados distantes e de outra natureza. Há uma interação orgânica muito maior de que antes nos dávamos conta. Exige-se

[3] Enciclopédia Microsoft® Encarta®. © 1993-2001 Microsoft Corporation.

um pensar sistêmico. O prejuízo ou morte de um ser vivo afeta a outros e viceversa. Defender a vida de moluscos ou de baleias, de matas ciliares ou do serrado, do pantanal ou da flora marinha não se faz como unidade isolada, mas numa grande sinfonia da vida.

O planeta Terra, este grande ser vivo no seu todo, sofre com qualquer ferida praticada na ponta extrema de sua extensão. Nada que acontece nos pólos, na Patagônia deixa intacta a floresta amazônica. Os diversos ecossistemas necessitam um do outro para permanecer igualmente vivos. Para a vida e para a morte, vale a comparação com o corpo humano. O câncer de pele mata, uma espinha inflamada arruina todo o organismo. Conheço um amigo que teve inflamação cerebral por causa da infecção de um molar. Os dentes da Terra inflamados atingem-lhe o cérebro ou coração.

Mais: as primeiras e principais vítimas são os pobres, os mais fracos. Os ricos adiam a catástrofe para si. Por isso, muitos continuam no "baile da Ilha Fiscal" esbanjando riquezas, enquanto na calada da noite se trama a derrubada de seu poderio. Certamente um dia lhes tocará o mal geral. O inverno nuclear tem força mortífera para acabar com toda vida na Terra.

4. O jogo do mercado

A água é o novo petróleo. Como este se constituíra em décadas anteriores o centro de luta do mercado, a água desliza para tal oceano de interesses. Já de seus inícios, o capitalismo tem-se mostrado expansionista, globalizante. Aliás ele vem a cavalo na cultura ocidental. E esta estende suas garras globalizantes desde os territórios helênicos nos seus primórdios filosóficos. Ao passar dos mitos particulares homéricos ao *logos*, lançava raiz no solo comum da razão universal. A luz do Bem platônico reivindicava iluminar os hemisférios do existir humano de todos os tempos.

Veio o Cristianismo. Já sentiu no seu nascer as lufadas universalistas que vinham dos profetas. "Acontecerá nos últimos tempos que a montanha que sustenta a casa do Senhor será colocada no cimo das montanhas e dominará sobre as colinas. Todas as nações afluirão para ela; povos sem conta pôr-se-ão a caminho e dirão: "Vinde, subamos à montanha do Senhor" (Is 2,2-3)". Essas vozes proféticas ecoam no Novo Testamento com maior força ainda: "Ide, pois, fazei discípulos meus, todos os povos " (Mt 28,19). Iniciou o Cristianismo sua carreira universalizante no momento histórico em que o Império romano estendia as tenazes de seu poderio por países e continentes, abrindo estradas, esticando seus exércitos por terras nunca dantes pisadas.

Imaginemos que nesse Ocidente conquistador se planta um sistema econômico versátil, com capital abundante e gerenciamento competente. Ele vai conquistar todo o mundo. Eis o capitalismo mercantilista fazendo circular suas mercadorias e o dinheiro pelos continentes. Assim nascia o capitalismo navegando. Vale dele ironicamente a frase dos navegantes antigos: "Navegar é preciso, viver não é preciso". Fernando Pessoa dá-nos o espírito dessa frase dizendo que "vi-

ver não é necessário; o que é necessário é criar". O capitalismo realizou isso desde seus inícios. Não se deixou levar pela inércia da vida, como os que vivem no regime de subsistência. Criou, criou muito.

Ei-lo então com capital e tecnologia, produzindo a revolução industrial. Primeiro na Inglaterra. E depois da II Guerra tornou-se tão poderoso nos países centrais que esticou seus braços transnacionais para os outros continentes. Nas décadas de 50/60, o Brasil da era Juscelino foi sendo ocupado pelas Corporações Transnacionais com o capitalismo industrial. O petróleo era-lhe o sangue. Os petrodólares encheram a burra de muitas nações. Era o casamento entre a moeda dólar e a correnteza vital – petróleo.

E agora defrontamo-nos com o capital financeiro, açulado pelas infovias a invadir os rincões mais distantes. É a globalização econômica siamesmente ligada ao empório da comunicação eletrônica, da telemática. A geração atual começa a conhecer outra moeda. Ainda as três moedas fortes – dólar, euro e ien – continuam no pódium econômico. A seu lado, a comunicação se fez moeda poderosa. Aí está o homem mais rico do mundo a produzir e a enriquecer-se à base de *softs* de sua Microsoft. O micro é da *soft*, mas o macro é do dinheiro.

Caminhamos para a era da água. Pobre água! Você será a próxima vítima dessa hidra, que na origem tem o seu mesmo nome grego e que agora está a devorar-lhe a vida! Virão os aquedólares.

Em tempos idos, a extensão do latifúndio de terra media a riqueza. Depois veio o tamanho das fábricas. Era o orgulho das General Motors, Volkswagens e outras que construíram o ABC paulista. Lá reina hoje mais desemprego que circula dinheiro.

Entramos na era do latifúndio do conhecimento. A luta se trava em torno das patentes dos inventos tecnológicos. Os *softs* inundam o mundo, tanto no espaço do lazer quanto no da ciência, tanto no mundo da produção industrial quanto no bem-estar doméstico. Era que promete longa duração.

No entanto, pergunta-se: será que amanhã se medirá a riqueza de alguém ou de um país pelo "latifúndio das águas"? Então as águas entrarão na rígida lei da moeda. E essa questão torna-se tanto mais crucial para o Brasil quanto ele possui 12% da água potável e aproveitável do planeta. Ele sofrerá todo tipo de pressão desde as militares com ameaças de invasão quanto as das empresas particulares em busca da privatização e comercialização da água. Em termos comerciais, a água se torna uma *commodity*.

5. O engodo e a verdade de sua escassez

A água é escassa na Terra? O projeto evolutivo, que arranca do ato criador de Deus, tem uma inscrição fundamental de vida. E a vida não existe sem água. Logo seria contraditório haver no processo criativo de Deus um movimento para a vida e faltar-lhe o elemento fundamental de vida: a água. De fato, assim não é.

Os dados estatísticos universais falam antes de abundância de água. A escassez por força da natureza não é real. A Terra conserva o mesmo volume

de água doce desde 500 milhões de anos. Não diminui a água no planeta. A água doce em rios e lagos cobre 200 mil km3. Sem nenhum reaproveitamento esta água daria para 5 a 6 bilhões de pessoas para 30 a 40 anos com gasto p/pessoa de 1.000m³ ano. Há uma reposição pelo ciclo hidrológico de 41.000km³ ano. No ano 2.000 calculava-se que cada habitante dispunha de 6 a 7 vezes a demanda mínima pessoal. Por isso, para os ricos nunca falta água.

Este é um lado da moeda. Mas o ser humano, como temos observado ao longo dessa reflexão, tem transformado gigantescas massas de água, em si disponíveis, em contaminadas e poluídas. Diminui-se assim, não a reserva pródiga da mãe natureza, mas a água que os humanos manipulam.

O discurso da escassez da água tem dupla valência. É engodo e é verdade. Uma agitação mundial em torno da água esconde interesses escusos e enganosos. É uma jogada capitalista para colocar a água num duplo registo: sob o controle das potências mundiais e sob o interesse do capital. Ao acusar os países pobres do Sul de incapazes de gerenciarem os recursos hídricos de que são possuidores – e o Brasil se conta entre os principais -, as potências ricas do Norte atribuem-se a si o direito de interferir neles em nome do bem da humanidade. Exatamente como fizeram os EUA no Afeganistão e no Iraque sob o pretexto de impor-lhes a democracia. Os latinos diriam ironicamente: "contradictio in terminis" – é uma contradição nas próprias palavras. Como impor (ato ditatorial) uma democracia (ato popular)?

Na questão da água, reproduz-se a mesma contradição. Para proteger a água, potências estrangeiras compram minas, fontes, açudes para explorá-los economicamente. A água escapa então do poder público nacional, ao ser privatizada e transnacionalizada. Transforma-se a água como mercadoria a ser explotada. E a dita escassez permite, segundo a lei da oferta e demanda, elevar o preço da mercadoria-água e aumentar os lucros da iniciativa privada que a comercializa. Esta é a face escura e escusa do discurso da escassez da água.

Há escassez verdadeira e real de água em certas regiões do mundo e do Brasil, em particular. E os dados estatísticos alertam-nos para uma futura falta de água, se se continuar com a atual política do desperdício, da contaminação, da carência de reaproveitamento das águas. Está-se a pedir um processo de conscientização a que a CF 2004 adere com seu programa.

Seria inútil permanecer num clima emocional, puramente propagandístico sem políticas e estratégias concretas, públicas e particulares. Antes de tudo, cabe desmascarar os interesses ideológicos, políticos e econômicos, que agitam tal questão. Lentamente crie-se a consciência de que a água é um bem público, de todos e, portanto, deve ser defendido pelo Estado e pela sociedade civil. E nunca se deve permitir entregá-la a empresas particulares, cujo interesse fundamental é o lucro, transformando a água em mera mercadoria e fazendo pesar sobre ela as regras do mercado. Quando isso acontece, ganham não o povo e muito menos os países e camadas pobres, mas quem dispõe de

capital, de mercado e de tecnologia. O Primeiro Mundo triunfa nesse jogo.

A conscientização avança à medida que se percebe ser a diminuição da disponibilidade da água um fenômeno reversível. Desloca-se o problema para o gerenciamento da água. Aí se joga realmente a questão. Quem gerencia? Para o benefício de quem? Quem lucra em tal questão? Enquanto as respostas não forem transparentes e justas, viver-se-á dolorosa ambigüidade.

A real escassez existe de fato para algumas regiões, para as classes pobres que não têm acesso à água tratada para o uso cotidiano. A escassez diz respeito também à qualidade da água. Minorias privilegiadas em nosso país dispõe de ótimas águas minerais ou de fontes resguardadas de qualquer contaminação e, portanto, vendidas e compradas comercialmente. Têm direito à água tratada para outros usos, enquanto aos pobres toca a falta d'água e ou sua péssima qualidade. A questão da escassez da água pertence ao departamento da justiça social e não ao gabinete de São Pedro. Este é pródigo em águas. Os humanos distribuem-na mal, apropriam-se os ricos das melhores e deixam o refugo contaminado para os pobres.

Há tecnologia suficiente hoje para garantir para as massas uma água de qualidade. É questão de decisão política que até o presente favoreceu pouco as maiorias. O processo de reciclagem da água, tecnicamente factível, não acompanha em nosso país a rapidez do ritmo da sua contaminação. Para evitar um colapso do sistema de água de qualidade, exige-se um uso frugal, sóbrio e responsável.

6. Critério ético

O debate da água amplia-se à medida que nos enveredamos pelo campo ético. Aí os interesses econômicos e políticos são discutidos à luz da razão humana e não de jogos ideológicos restritos.

O dado primeiro é a necessidade fundamental da água para a vida. Ela é, antes de qualquer outra consideração, um direito e patrimônio primário de toda a humanidade indiscriminadamente.

Cabe retomar aqui a discussão ética levantada por Paulo VI na Encíclica Populorum progressio. Lá, em 1967, o papa questionava eticamente o tipo de desenvolvimento tecnológico e científico do Ocidente. De um lado, ele constata a aspiração dos homens de hoje por "ter maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situação que ofendam a sua dignidade de homens" e doutro a real situação em que "um grande número dentre eles estão condenados a viver em condições que tornam ilusório este legítimo desejo" (PP 6). É exatamente esta a situação dos pobres a respeito da água. Têm legítimo direito a usufruí-la, mas isto se torna ilusório pela injustiça social reinante. É o tipo de desenvolvimento criado no Ocidente que impede essa justiça social. Ele é hoje levado unicamente pelo capitalismo que considera "o lucro como motor essencial do progresso econômico, a concorrência como lei suprema da economia, a propriedade privada dos bens de produção como direito absoluto, sem limite nem obrigações sociais correspondentes"[4] Essa radiografia continua atual.

Se a água for entregue ao lucro, à concorrência e à privatização, teremos como conseqüência que se tornará um bem já não mais acessível a todos. A terra foi o primeiro elemento essencial para a vida humana que caiu sob a rígida lei do mercado. Hoje já se torna praticamente impensável a terra como bem universal. Ela está toda privatizada em nossos países, seja para morar como para trabalhar. As que escapam a essa lei, favelizam-se com habitações precárias ou ficam presas nas malhas do Estado ou de proprietários especuladores.

A luz solar ainda é gratuita. Difícil monopolizar o sol. Ainda que já se comercializa sua luz para energia solar. O ar ainda é respirável por todos. Mas não da mesma qualidade. Os ricos o têm mais puro em suas casas isoladas e residências de descanso, enquanto os mais pobres vivem sob as fumaças sujas das fábricas. E no momento desenrola-se o jogo duro e perigoso da água.

É contra a ética acumular e comercializar tais realidades à custa da vida de outros. João Paulo II usou várias vezes a imagem da hipoteca social sobre a propriedade privada para traduzir a obrigação moral de quem possui os bens, colocá-los a serviço da sociedade. No discurso inaugural de Puebla, disse claramente: "Uma hipoteca social pesa sobre toda propriedade privada". Idéia que o Documento de Puebla repete em vários momentos[5].

Tal hipoteca vale dos países, regiões ou propriedades que circunscrevem dentro de si os grandes reservatórios de água potável do mundo. Sobre todos pesa a responsabilidade ética e social de zelar pela água. Mais que nenhum outro bem, ela envolve uma função social respeito às realidades vitais.

Indo mais fundo, sendo a água a fonte de vida para todos, o acesso a seu uso em boas condições qualitativas é direito de absolutamente todos os seres vivos. Discute-se se é lícito falar realmente de direito de outros seres vivos além dos humanos. A ética clássica restringe o conceito de direito unicamente aos humanos. Mas há um esforço mundial de que a ONU aprove a Carta da Terra, como uma fonte de direitos e deveres de todos os povos e cidadãos. A Carta da Terra estabelece como princípio que "a humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única". "A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos os seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo". "A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado"[6].

Esse dever sagrado é de natureza ética. Trata-se de uma sacralidade que não depende de nenhuma religião institucional, mas que se esconde no escrínio de todo coração humano. É uma sacralidade ética, porque está em jogo a vida para to-

[4] Paulo VI, Encíclica Populorum progressio, n. 26.
[5] CELAM, Documento de Puebla nn. 975, 1224, 1281.
[6] A Carta da Terra, editada pelo Serviço de Educação e Organização Popular, Rio, 2000.

dos. Se quisermos ir a algum texto religioso fundante, existe a aliança de Jahwe com Noé depois do dilúvio (Gn 9,1-17).

O texto bíblico tem uma beleza única. Ultrapassa os limites de uma revelação particular. Retoma o tema da criação do ser humano à imagem de Deus e o mandamento da procriação. Segue-se a aliança com Noé e sua descendência e com todos os seres vivos que estão com eles, aves, animais domésticos e selvagens, enfim com todos os animais da terra que saíram da arca. A promessa dirige-se ao futuro. Nenhuma vida animal será novamente exterminada pelas águas de um dilúvio e já não haverá dilúvio para devastar a terra. E termina essa passagem com o sinal dessa aliança: "Quando cobrir de nuvens a terra, aparecerá o arco-íris. Então eu me lembrarei de minha aliança convosco e com todas as espécies de seres vivos, e as águas não virão mais como dilúvio para destruir a vida animal. Quando o arco-íris estiver nas nuvens, eu o olharei como recordação da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos, com todas as criaturas que existem sobre a terra". Deus disse a Noé: "Este é o sinal da aliança que estabeleço entre mim e todas as criaturas que existem na terra". É uma aliança com a humanidade e com todos os seres vivos. Fundamento maravilhoso da ética ecológica.

A ética toca ainda outro registro. Na origem de muita morte da água está a *hybris* da razão científica e tecnológica. Esta arvorou-se na modernidade como fim em si mesma. A ética a traz para o seu lugar de meio enquanto ela, sim, aponta para o fim. E fim assume aqui o sentido de Kant. "Um fim é uma idéia da razão que, pela excelência de sua perfeição, comanda a experiência em vez de submeter-se a ela"[7] A ética aponta essa idéia. E no caso da CF 2004 é a vida, o valor que está no centro. A razão instrumental deve submeter-se a ela e não ela à razão instrumental.

Ultimamente tem-se trabalho a ética do cuidado. O termo cuidado na linguagem popular era por demais amplo e vago que não oferecia nenhum espaço para uma reflexão mais profunda em relação à vida. O professor na escola dizia para as crianças terem cuidado com os cadernos, com suas coisas. Quando se leva um objeto quebradiço, imediatamente alguém grita: cuidado!

A ética do cuidado recupera um sentido que nasce do mais profundo do ser humano. Aquela dimensão que nos faz distintos dos animais: a racionalidade no sentido antropológico. Ao mergulhar nessa racionalidade, encontraremos como sua raiz o amor, a afeição, a afetividade, o carinho, o cuidado. O último, ou se quisermos, o primeiro em nós não é a fria razão cartesiana, mas a humanidade que nos distancia da animalidade.

Ouvir essa voz primal em nós leva-nos a uma atitude diferente em relação aos demais humanos e a todo o criado. Em termos de gênero é o lado feminino que existe em todos, em maior riqueza nas mulheres, mas também nos varões, impedindo-os de perderem-se numa rigidez terrivelmente machista e destruidora. A razão moderna é fortemente masculina,

[7] J.F. Mattéi, A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno, São Paulo, UNESP, 2002, p. 198.

androcêntrica. Por isso, ela causa tantos males à obra da criação. Se nela o impulso inicial é atribuído ao Pai, a sua condição de cosmos, de ordem, de beleza é obra do Espírito Santo. Pode ser algo aleatório, mas espírito em hebraico, *ruah*, é feminino. É o toque feminino da Trindade.

Conclusão

L. Boff chama ao cuidado "uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro"[8]. É uma atitude de fundo, fontal que desencadeia uma série enorme de atos que traduzem atenção delicada em relação ao objeto do cuidado.

A CF 2004 quer criar em todos nós essa atitude de cuidado com a água. Implica nova maneira de vê-la, de aproximar-se dela, de tratá-la, de falar dela, de deixar-se impregnar por sua simbologia. Já nos referimos ao cântico de São Francisco. Traduz nova atitude básica. A metáfora da "irmã água" situa-nos perfeitamente no clima desejado.

Certa vez numa missa das crianças perguntei-lhes se elas tinham coragem de lançar ao rosto do irmãozinho uma lata de guaraná vazia, ou uma garrafa plástica, ou um objeto sujo. – Claro que não, foi a resposta em uníssono. – Aí retruquei: – E por que então o jogam no "irmãozinho rio"? A imagem do irmão ou irmã frágil tem a vantagem de verbalizar mais facilmente a posição indefesa da água diante de nossa agressão. Exatamente como uma criancinha.

A ética do cuidado pede uma pedagogia especial. A CF 2004 visa a criá-la. E tal se impõe no interior da família, da escola e da catequese. Se não se descer a esse nível, não se constrói para amanhã a sociedade ecológica desejada. E para que um valor, no caso o cuidado com a água, penetre fundo pela via da educação, é necessário que ele impregne a cultura. E quando dizemos cultura, entendemos o universo de símbolos, de imagens, de reações imediatas e espontâneas. É um código de tal modo interiorizado que se age segundo ele quase sem dar-se conta. O cuidado pela água necessita empapar tal código. O mundo reflexo e crítico atinge pouca gente. A cultura envolve a todos. A CF 2004 propõe-se influenciar e contribuir para cultura do cuidado da água.

J. B. Libanio – Teólogo. Professor de Teologia no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus de Belo-Horizonte. Assessoria teológica em nível nacional e internacional. Várias obras publicadas.

Endereço do autor:
Caixa Postal 5047 CEP: 31611-970
Belo Horizonte – MG

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Em nível de compreensão teórica, aprofundar o jogo ideológico em torno do problema da água, seja desconhecendo-o, como exagerando-lhe as proporções.
2. Em nível pessoal, existencial, que nova atitude lhe pede a tomada de consciência da problemática da água?
3. Em nível de prática pessoal, comunitária e congregacional, que iniciativas tomar para responder ao grave problema do uso adequado da água?

[8] L. Boff, Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra, Petrópolis, Vozes, 1999, p. 33.

Jesus é a nossa paz

**A paz é dom de Deus.
Deus não pode conceder maior dom
à humanidade do que o seu Filho.
A paz, participação na graça salvadora de Deus,
se identifica com JESUS, o Salvador.**

Pe. Marcos de Lima, SDB
Rio de Janeiro, RJ

- Quem é JESUS que á a nossa PAZ?

DEUS verdadeiro como Pai e o Espírito. Eis a alma de todos os dogmas cristológicos. A pedra fundamental da ortodoxia com relação a Cristo. Ele é consubstancial ao Pai. Identidade perfeita na divindade (Jo 1,1). O ser mais íntimo de Deus-Pai se revela em Jesus. E Jesus é a perfeita transparência de Deus-Pai. Em Jesus, Deus-Pai se revela e se esconde. É olhando para Jesus que vemos e conhecemos o Pai (Jo 14,9). Ele é a irradiação da glória e a imagem da substância do Pai (Hb 1,3).

- Quem é JESUS que é a nossa PAZ?

O FILHO. Só ele. Nem o Pai nem o Espírito. Filho por natureza, de geração imanente e eterna, inenarrável, antes de todo começo. Um único e mesmo ser com o Pai. Idêntico em condição divina. Filiação divina natural. Absolutamente singular. A verdade mais profunda do Homem Jesus. Ponto de chegada de qualquer cristologia. Filho: assim viveu e agiu. Seu Pai, o amor originário, o mistério mais insondável de sua vida.

- Quem é JESUS que é a nossa PAZ?

HOMEM verdadeiro. Nem o Pai nem o Espírito. Só ele. Verdadeiro Homem, da descendência de Davi, segundo a carne. Da nossa espécie humana, com psicologia própria. 'Ben-Adam': homem humano por excelência. Genuinamente humano, de nossa linhagem. Perfeitamente homem. Consubstancial ao homem. E mais: infinitamente homem. Infinitamente humano. Nascendo da Virgem Maria, tornou-se um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (Hb 4,15).

Deus verdadeiro.
O Filho.
Homem verdadeiro.
Eis o ser em si de Jesus.
A sua identidade última.
Seu núcleo mais central.
Sua natureza mais íntima.
A sua plena e forte verdade.
O que faz Jesus ser Jesus
e ser, também, a nossa PAZ.

A linguagem não é inocente

PAZ, uma palavra polivalente, quase ambígua, capaz de insinuar sem dizer. Num requebro semântico de ousadia, cada um vê nela o que quer e não o que está

escrito. Encerra um tema multidimensional. Com o emprego abusivo da palavra insuficientemente entendida, cada um interpreta como quer. É verdade, de maneira ampla, nesta palavra cabem inúmeras definições e concepções múltiplas. Tem variados sentidos que apontam para significados diversos e divergentes, também.

A lingüística moderna, ou seja, o estudo científico da linguagem oral e verbal, de suas regras e manifestações, atribui uma importância maior à função exercida pela palavra em determinado contexto porque as palavras podem variar de significado por causa da diversidade contextual. Arrancada de seu contexto, a palavra perde grande parte da vitalidade de seu significado. Um texto e/ou uma palavra adequados, fora, porém, do próprio contexto podem se revelar grandemente arcaicos. Só uma leitura contextualizada produz adequada compreensão. **Contexto** quer dizer o encadeamento das dimensões todas que configuram uma realidade inteira em seu conjunto.

Mencionemos, para exemplificar, sem exaurir as possibilidades, nem oferecer uma elaborada tipologia abstrata, ou um modelo acabado, mencionemos, de modo espontâneo, portanto, algumas situações, alguns âmbitos e alguns cenários (=contextos) que incidem na avaliação diferenciada do conceito de paz. Afinal, a linguagem não é inocente. Ela vem carregada dos sentidos e dos problemas de que se reveste o contexto.

A paz não tem significado unívoco

Os contextos, abaixo relacionados, podem parecer especificações, apenas, de ordem lógica, mental, ideal, como subsídio para entender melhor. Refletem, no entanto, algo concreto da riqueza e plurivalência semânticas percebidas e experimentadas na palavra PAZ. Vamos aos exemplos de contextos, sem nenhuma pretensão de estabelecer entre eles prioridades ou conexões de dependência.

1. Contexto sagrado (=religioso), bíblico, quer veterotestamentário, quer neotestamentário (=cristão).
2. Contexto pessoal, isto é, a pessoa em sua realidade indivídua, relacionada, porém, com o sagrado vétero e neotestamentário, ou qualquer outro.
3. Contexto ainda pessoal, psicológico, porém profano: a pessoa em sua individualidade real, relacionada consigo mesma, apenas.
4. Contexto comunitário, ou seja, as pessoas em grupos pequenos, tais como: família, clã, clube, igreja, empresa, escola, conjunto habitacional..., pessoas em grupos pequenos reciprocamente relacionadas entre si.
5. Contexto sociopolítico, quer nacional, quer internacional: Grandes grupos: nação, estado, povo, etnia, raça, região, continente, grandes grupos, como tais, relacionados entre si.
6. Contextos outros de geometria variável e difícil qualificação porque pluriculturais, multinacionais, de complexa fragmentação interna, multirreligiosos, ou agnósticos, ou ateus, materialistas, ou tudo isto de uma só vez.

Em cada um destes contextos ou cenários e em outros que se podem explicitar, a PAZ **é** uma realidade. **Revela** um colorido. **Tem** um conteúdo. **Con-**

substancia uma verdade. Esta realidade, este colorido, este conteúdo, esta verdade, se metamorfoseiam e se transformam profundamente de contexto para contexto. Não se descobrem idênticos e presentes de maneira uniforme em todos e em cada um.

Todo dito humano é situado numa linguagem, numa cultura, num tempo, num espaço. A sociologia do conhecimento nos ensina a analisar e avaliar as condições sociais incidentes no conhecer. Sendo assim, facilmente se pode entender como a palavra PAZ não se apresenta unívoca em contextos diferentes. Ela encarna, pelo avesso, o fenômeno da equivalência dinâmica na arte de traduzir, ou seja, a mesma palavra traduz realidades diversas e até opostas.

Paz, a guerra por outros meios

Eis um exemplo gritante do modo como o contexto subverte substancialmente o significado da palavra PAZ. Descrevo, de modo sucinto, a PAZ como entendida ontem e hoje, em parte, no contexto sociopolítico, ou seja, entre nações, povos, etnias, regiões, continentes.

- **PAZ**: ausência temporária de guerra, um respiro, apenas, e uma trégua, entre conflitos armados. Paz cruenta, delineada e escrita com sangue, de escassa ou nenhuma significação, porque conquistada mediante a violência física e/ou ética, porque os exércitos treinam para prosseguir na luta.
- **PAZ**: a mesma guerra, aprisionada, porém, numa rede de compromissos de cúpula, de entendimento político, de cordialidade hipócrita dos rapapés oficiais, de jogo diplomático frágil e ilusório, de despotismo aterrador, de camuflagem e barganha de vantagens. Tudo disfarçado por militantes de causas guerreiras.
- **PAZ**: cinismo realista, a mesma guerra por outros meios. Discursos e frases soantes podem ajudar mas são ineficazes e ineficientes para gerar e manter a paz. Precisamos de sinais concretos mais do que discursos, encontros, comunicados conjuntos, pactos e declarações de princípios. Não se pode girar nesta farândola. E mais: tudo isso nunca ganha clareza suficiente para nos convencer.

Nenhuma paz será verdadeira sem as exigências da justiça, sem o respeito aos direitos da dignidade das pessoas, dos povos, das nações, e sem a construção de uma nova ordem internacional igualitária, dotada de plena autoridade mundial, com caráter de domínio jurídico e moral para desnovelar conflitos e instaurar políticas de paz e um novo modelo de desenvolvimento solidário.

Em outras palavras ainda: O que se quer é uma nova organização de toda a família humana percebida como garantia imparcial e objetiva dos direitos. No mundo pluralista, do qual participamos, não há mais lugar para decisões unilaterais que afetam, de forma dramática, a saúde dos países e das empresas, que desequilibram governos e geram resistência de toda sorte.

E também, em contexto sociopolítico, na ótica míope da ambição, da cobiça e da lógica anacrônica do interesse nacional e na pequenez de horizonte que só conhece os proveitos materiais ime-

diatos de competitividade marcada por ausências éticas:

- PAZ: não atentar contra privilégios, interesses, bem-estar, exclusivos de nações, etnias, estados, povos, regiões, continentes, porque atentar, aqui, implicará no aniquilamento físico e/ou moral do agressor inimigo por armas convencionais, cada vez mais refinadas até a destrutividade absolutamente inédita dos artefatos nucleares. Paz armada. Nasce do medo de forças contrárias de poder arrasador e aterrador.

É a paz que vem do Norte, do perigoso e pecaminoso desequilíbrio norte-sul e de suas assombrosas diferenças sócio-econômicas, esta manutenção da (des)ordem estabelecida, na injustiça imposta pelo mais forte. Nada baseado em interesses próprios à custa dos outros é capaz de causar um bem-estar abrangente e duradouro como a paz. Não bastam ausência de guerra e equilíbrio de forças para se proclamar a vigência da paz (GS 78). Justiça é o pressuposto da paz, esta urgência prioritária em nossos dias.

– **Não haverá paz** enquanto houver alguém: homem ou mulher, criança ou adulto, que não puder viver sua plena dignidade.

– **Não haverá paz** enquanto existirem relações: sociais, econômicas e políticas, que favoreçam um grupo, uma nação, à custa dos outros.

– **Não haverá paz** enquanto não houver justiça, e o fruto da justiça só é saboreado por quem procura a paz (Tg 4,13). Há uma interdependência estrutural entre justiça e paz.

Guerra, alternativa do maligno

No contexto sociopolítico, com um entendimento tão distorcido e negativo, insuficiente e mutilado, da paz, com tamanha degradação semântica, as preocupações de todos, até da práxis eclesial, dirigem-se para as exigências da guerra, para **legitimar a guerra**, fundamentar, de modo bíblico, teológico e racional, a teoria da guerra justa, quando se pode combater e matar sem culpa, sem cair na violência impiedosa e desumana, porque dentro dos limites legais.

Todo significante (=palavra), aqui, PAZ, evoca, por associação verbal, o seu contrário, portanto, GUERRA. Até o salmista, em oração, assim se dirige ao Senhor: "Quando eu falo sobre a paz, quando a promovo, é a guerra que eles tramam contra mim" (Sl 119,7). Esta relação do significante com a realidade significada antitética, isto é, que salienta oposição entre duas idéias, é de importância primordial no ato da comunicação. O que é a GUERRA, o contrário da paz?

– Guerra, conflito armado entre sociedades ou grupos organizados.

Mas, hoje, a guerra é global, sem fronteiras. Ela se espalha pelo mundo: metódica, crescente, regular, consistente. Causa horror. Serve-se das melhores criações do espírito humano para legitimar as mais perversas ações. A pessoa, mulher e homem, se converte em bomba. A vida se torna arma letal. Acabaram-se os santuários. Evaporou-se a neutralidade. Isentos se transformaram em radicais. A guerra é sem convenções, sem regras. Confunde agredidos e agressores.

E mais ainda:

Eis que surge um novo dinamismo bélico, desconhecido até agora: **guerra preventiva**, algo monstruosamente desumano. Instrumento de intimidação mundial. Não está de acordo com o direito e é, moralmente, insustentável. É a porta aberta para uma espiral de violência e uma guerra arbitrária sem fim. Toda violência, qualquer violência, está legalizada. Não há inocentes. Todos são culpados, também as vítimas. É a produção em massa de injustiças que permanecem sangrando.

A guerra nunca será justa. Ela é, em si, sempre imoral. Inexiste equivalência moral entre o bem que se espera, a reparação do direito ofendido e os males inerentes e decorrentes da violência bélica. Só a justiça realiza a paz (Is 32,17). A justiça, pedra angular da paz, é a única alternativa moral portadora tranqüila da segurança desejada. A injustiça é a origem de toda agressividade que afasta e destrói a paz. Superá-la é obrigação ética de todos.

O anseio da paz é inerente à pessoa. O que há de mais profundo na aspiração de todos os seres humanos: viver em paz. Há um cansaço geral, uma rejeição espontânea e uma condenação sem apelação, das intervenções e conflitos armados e do confronto bélico. O dinamismo característico da esperança contemporânea é a paz. Quem não a quer está ultrapassado.

A guerra deve ser abominada. Ela significa morte e todo tipo de mutilação e sofrimento que precedem, acompanham e seguem às batalhas. É a alternativa do maligno. Suas razões – trapaças, ficções e farsas – são sempre as do lobo. Sutis interpretações que alimentam o jurássico raciocínio de que os fins justificam os meios.

Traços permanentes nas variações

Não obstante a possibilidade real desta diferenciação nocional e específica da paz para cada determinado contexto ou cenário, é consentâneo aceitar a existência de algo fixo e válido, sempre, em todo e qualquer contexto, um corolário lógico, uma conseqüência imediata, um resultado instantâneo, da natureza orgânica e unitária da paz. Em qualquer contexto não se esconde uma convergência fundamental.

Tentemos nomear, designar pelo nome, alguns traços deste algo fixo e sempre válido, uma exuberância de sentido que não tem – creio – explicação racional, talvez mística, uma irradiação do próprio ser de Deus. Ingredientes inscritos por Deus dentro de cada pessoa. A palavra paz, entendida em toda a sua amplitude, pode ser lida em conotações semânticas complementares. No fundo, porém, há sempre um traço permanente, em qualquer âmbito que se usar a palavra paz. Ela sempre significará súmula, resumo, síntese, de tudo o que o ser humano possa desejar como sendo bom.

PAZ, em qualquer contexto, de algum modo, sempre incluirá, em dose maior ou menor, em dimensão pessoal e social, uma ou duas ou todas estas e outras suas possíveis qualificações denotativas e conotativas, conforme se lerá a seguir. É o fundo semântico permanente e irradiador de significação

própria, o universal nas diferenças, que conduz a certa unidade de fundo que constitui a própria paz.

- Tranqüilidade, calma, ordem, serenidade, concórdia, justiça, felicidade plena, vida, amor, verdade, harmonia consigo, relacionamento de respeito com os demais, partilha, confiança em si e no próximo, capacidade de diálogo, solidariedade, ninguém só e desamparado em sua dor, bem-estar pessoal e familiar, ou seja, a condição ou o estado aos quais não falta nada de necessário em alimentação, vestuário, moradia, saúde, educação, segurança.

E também:

- Entendimento que possibilita boas relações humanas harmoniosas que garantem vida social tranqüila **dentro** da família: esposo, esposa, pai, mãe, filhos, avós e netos, e **entre** as famílias, clãs, etnias, raças, povos, estados. Boas relações harmoniosas entre as nações na política, na sociedade, na economia, no comércio, na indústria, na escola, na cultura, na ciência, na religião... onde quer que nos cabe viver e evangelizar.
- Há, ainda, um estoque de outras possíveis conotações.

O título deste artigo: **JESUS É A NOSSA PAZ**, abarca, abrange e abraça qualquer destas indicações e todas as demais que se lhes acrescentar. JESUS é, de modo constitutivo e inderrogável, o fundamento de toda e qualquer paz em qualquer latitude e dimensão imagináveis. A esperança da paz nasce e se fortalece no contato com Deus, pois a paz é dom de Deus. Ora, JESUS é o único mediador entre Deus e a pessoa, mulher e homem.

A pessoa em paz irradia paz

A paz será possível somente na medida em que a pessoa reconhecer a paterna soberania de Deus na sua vida pessoal e na organização social onde vive e acolher a mediação da sabedoria e da salvação de Deus que JESUS traz. A sua boa notícia é o Evangelho da liberdade, do amor e da paz. Foi ele quem cancelou todas as divisões e discriminações "entre homem e mulher, entre judeus e gentios, entre bárbaros e gregos, entre justos e pecadores" possibilitando a paz (1Cor 12,13).

PAZ: bem espiritual, em razão de sua fonte e de sua origem, é dom de Deus. Obra de sua justiça que é amor com-descendente, amor que 'desce' até a condição do homem perdido mas que Deus ama para salvá-lo (Fl 2,6-11). Deus não pode conceder maior dom à humanidade do que o seu Filho, JESUS. Ele é o máximo de todos os bens que, de Deus, podem vir a nós. A paz, a substância mesma da mensagem evangélica como participação na graça salvadora de Deus, se identifica com JESUS, o Salvador (Ef 6,15).

Mas a finalidade deste artigo põe limites a tema tão amplo qual seja mostrar como em qualquer cenário, seja lá o que se entender por paz, se ela for verdadeira, terá sempre a sua consistência fundamental na pessoa de Jesus. Do Senhor e de sua contemplação nascem sempre processos incessantes de paz para as pessoas, famílias, raças, povos e nações.

O destino deste artigo, a revista CON-

VERGÊNCIA, restringe o tema ao contexto pessoal, religioso, no âmbito da fé cristã. Todavia, a realidade da paz não se limita ao campo pessoal, religioso, cristão. Nossa certeza é esta: a pessoa em paz autêntica, seja em seu sentido profético, seja como aspiração coletiva dominante em toda pessoa de boa vontade, é a célula-mater que gerará tudo o mais: pessoas, grupos, comunidades, povos, raças e nações na PAZ que é JESUS (Ef 2,14-15).

Como se garantiu acima, a realidade da paz não se restringe ou se confina ao campo pessoal, religioso, cristão. Desconhece, ainda, distinções e extravasa e transborda divisões. Todavia, de um modo abrangente e, creio, preciso, também, reafirmando o que se expôs atrás sobre contexto, poder-se-ia classificá-la assim:

Paz PESSOAL, da pessoa em si mesma, em sua dimensão privada, particular, individual, de conotação sagrada ou profana. Paz do coração para significar paz da pessoa toda em sua inteireza.

Paz SOCIAL, da pessoa relacionada com pessoas, seja em dimensão privada, particular, restrita, em grupos pequenos como: família, clã, tribo, condomínio, escola, clube, igreja, empresa..., seja em dimensão pública, abrangente, amplitude indefinida: nacional, internacional, regional, continental, mundial.

Entendimento natural em termos relevantes hoje

PAZ: **bem-estar** pessoal, isto é, vida com SAÚDE física, psíquica e espiritual, a ser desejada, desenvolvida e vivida também em sua dimensão social.

PAZ: **bens materiais**. A posse e a fruição do NECESSÁRIO para si e a família em cada dia. A posse e a fruição do ÚTIL para algumas circunstâncias especiais. E a luta sem tréguas e vitoriosa contra a agitação desordenada dos impulsos egoístas que tudo quer acumular para si em SUPÉRFLUOS. O supérfluo pessoal e institucional é uma violência em relação ao pobre e à paz.

PAZ: **bênçãos espirituais**. Sentir e experimentar a presença e a ação de fatores intangíveis e imponderáveis. A percepção possível de que Deus está presente, o que ele é. Presente e agindo. Fazendo o que ele pode. E Deus tudo **É** e tudo **PODE**. Embora pareça distante, aí ele está presente e agindo por dentro da história, dos acontecimentos, das pessoas. É a fé e a confiança em Deus, a força de resistência para se prosseguir em paz. Nesta certeza, a fonte e a realidade mesma da paz.

PAZ: bem-estar, bens materiais, bênçãos espirituais, o que pressupõe: comer à saciedade, habitar em segurança, dormir sem temor, triunfar dos inimigos da vida, sobretudo a doença, a ignorância, a violência, multiplicar-se. Perseverar contra toda desesperança. Não é a própria, mas pressupostos e antecedentes para aquela PAZ que é JESUS. Com Deus é perfeitamente possível chegar lá.

Shalom: a paz veterotestamentária

PAZ em hebraico se diz **Shalom**, palavra rica de variados matizes. Essencialmente, ela só se refere a Israel, à sua situação político-econômica, ao seu re-

lacionamento com os demais povos, à tranqüilidade na família, nos clãs, nas tribos. Não diz respeito à uma reflexão filosófica abstrata, mas às necessidades práticas deste povo, de ordem material ou espiritual, pessoal, familiar ou social. Uma guerra bem conduzida e bem sucedida também é **Shalom**. Shalom domina o horizonte da Aliança.

Shalom para dizer paz, em hebraico, aparece no Antigo Testamento, 29 vezes em Isaías; 31 vezes em Jeremias; 27 vezes nos Salmos. No Novo Testamento, a palavra paz é traduzida por *eirene*, em grego, e aparece 46 vezes, sendo 26 dos Evangelhos. De maneira muito singela e simples, se pode dizer que **Shalom** é a nossa saudação: bom dia, boa tarde, boa noite, quando nos encontramos e, na despedida, até a vista. A reflexão e, sobretudo, a exegese fizeram um longo percurso, um caminho enormemente enriquecedor.

O significado fundamental da palavra, ensinam os peritos, a julgar pela sua raiz, faz entrever algo perfeito, completo, inteiriço, em qualquer dimensão: material e espiritual, natural e sobrenatural, pessoal e social, temporal e além do tempo. **Shalom**, tudo o que vem de bom e proveitoso do favor divino e propicia uma situação permanente de felicidade.

Em âmbito bíblico e, portanto, religioso, sobretudo veterotestamentário, **Shalom** é súmula da condescendência divina: justiça, verdade, vida, repouso, bem-estar, prosperidade, saúde, bênção, glória, salvação, fidelidade, misericórdia, perdão... É totalidade abrangente, é plenitude do que é bom para a pessoa indivíduа, para a comunidade, para o povo. É desta perspectiva de totalidade, plenitude, abrangência inclusiva do que é bom que a palavra é usada como saudação, esperança, bênção, votos, felicitações, expressão cultural, oração.

A paz veterotestamentária, SHALOM, de maneira imperfeita antecipa o início da plenitude das promessas de Yahweh, a paz messiânica e escatológica, que promana de Deus-Pai. **Shalom** prefigura a realidade nova e original da paz de Cristo, que só ele podia trazer. Tem, portanto, a paz veterotestamentária estes quatro aspectos marcantes a seguir delineados e descritos de modo sucinto.

- Um aspecto teologal.

É dom de Deus. Uma realidade que tem a sua raiz em Deus. Depende da graciosa benevolência divina. É graça. Deus é a sua fonte. Nasce do que é possível só para Deus. A paz é para quem vive em perfeita e segura comunhão com Deus. Não há paz para o ímpio, garante o profeta (Is 48,22). Só uma pessoa e uma sociedade sob o senhorio de Deus, o elo que perpassa todos os seres, conhecem a felicidade da paz.

- Um aspecto messiânico.

A paz virá com o enviado de Deus que será, por sua natureza e vontade, um "príncipe da paz" e há de dar como rei pacífico "uma paz sem fim" (Is 9,6) num sistema de relações caracterizado pela benevolência, gratuidade, misericórdia, amor, com ruptura definitiva da fatalidade da violência que pesa sobre a humanidade. Exatamente o que Jesus proclamou, no tribunal da Fortaleza Antônia, ao procurador Pôncio Pilatos:

"O meu Reino não é deste mundo" (Jo 18,36), feito de armas, exércitos, diplomacia, ardis, astúcias, opressão, lutas, dominação.

- Um aspecto ético-social.

A paz implica comprometimento da pessoa. Supõe uma vitória obtida também a custo de combate pessoal. Não é uma realidade unilateral. É dom de Deus que nos atrai, mas sem o esforço de cada um para se dispor e acolher e não rejeitar a prática pessoal e estrutural da justiça, sem conversão pessoal a Deus, sem amar os seus desígnios, sem praticar os seus mandamentos, não se alcança a paz. Só uma obediência ativa a Deus e aos seus mandamentos possibilita a paz.

As raízes mais profundas do contraste e das tensões que mutilam a paz entre as pessoas, os povos e as nações, devem ser procuradas no coração da pessoa. Para uma paz verdadeira se requer que o espírito da paz se aposse de mentes e corações de modo profundo. Homens e mulheres transformados pela santidade de vida (=conversão) impregnam de paz as estruturas.

- Um aspecto escatológico.

A paz é uma categoria do Reino cuja concretização se dará fora da história. Deus realizará a paz total: da criação com o seu Criador: dos homens entre si, do homem com os animais e dos animais entre si. Plena reconciliação de tudo e de todos. A criação voltará a ser como o seu Criador a fez, mas fora dos parâmetros espaço-temporais. A paz continua um bem vindouro. Aqui, a paz, também a neotestamentária, é, apenas, incoativa.

Que paz é Jesus pra nós?

Há um "sentido cristão no Antigo Testamento", como ensina o Pe. Pierre Grelot, SJ, e, por isso, todas aquelas qualificações e indicações veterotestamentárias da paz **(=shalom)** que se leram, anteriormente, ressoam de modo forte e vigoroso na pessoa de Jesus e no seu Evangelho. Jesus é o significado sentido e pressentido em toda a Bíblia. Nele, toda a Bíblia é coerente. Selecionei, no entanto, cinco atributos da **PAZ QUE É JESUS** porque se adaptam bem aos propósitos deste artigo e aos anseios da pessoa e do mundo de hoje.

Se tais atributos não se apresentam ao Leitor como plenamente teológicos, ou seja, não correspondem ao esforço racional para penetrar a estrutura inteligível da fé no que se refere à paz, certamente eles configuram um *wishful thinking*, isto é, um pensamento que reflete o desejo de quem o produz, numa expectativa ansiosa de que a realidade da paz, de fato, assim venha a ser um dia.

Crer e centrar-se em Deus

Paz, **SERENIDADE** consigo mesmo(a). Tranqüilidade interior. Aquietação das próprias angústias. Acordo íntimo das tensões e energias que há em nós. Integração harmônica do que se é. Pacificação de si e consigo mesmo. Sintonia nas diversas partes de si mesmo. Manter coesa a unidade psíquica na multiplicidade de sensações e naquela região profunda e misteriosa do eu interior de cada pessoa humana.

Paz: serenidade. Não perder a cabeça. Nada se ganha perdendo a cabeça. Paz: serenidade. Bem-estar pessoal per-

feito, de ordem física, psíquica, espiritual. E para quem vive de sua fé: centrar-se em Deus e dialogar, de modo inaudível, com o seu mais Profundo donde lhe vêm inspirações de bem-querença e amorosidade. Tudo nos vem de Deus. E tudo o que nos vem de Deus é graça. Não é devido. É benevolência, gratuidade, amor. A percepção e a consciência desta verdade produz em nós a paz.

- Deixo-vos a paz. Dou-vos a minha paz. Não se perturbe nem se atemorize o vosso coração, Jo 14,27.

Viver é, forçosamente, conviver. Viver em paz com os outros.

Paz, **CONCÓRDIA** com os demais. Integração harmônica das diversidades legítimas. Nenhum preconceito contra os diferentes. Não romper relações que constroem positivamente a paz na pessoa, na sociedade, na natureza. A pessoa se revela essencialmente uma rede complexa e uma teia intrincada de relações ativas em abertura para todas as realidades cósmicas e trans-históricas, para além das coordenadas espaço-temporais, um nó voltado para todas as direções.

Ninguém foi criado para ser uma solidão isolada. Sem os outros, embora tendo poder sobre a criação, somos incompletos, inacabados, infelizes. É a lição da Bíblia (Gn 2,18-24). Somos feitos para viver juntos na família, comunidade, sociedade. É a nossa dimensão afetiva e convivencial a exigir conciliação, espíritos desarmados e corações irmanados. Jean-Paul Sartre dizia: o inferno são os outros. Não para o ser humano. O inferno é a solidão como individualismo e fechamento total em si, como enclausuramento absoluto nos próprios interesses, egoísmo radical, que contradizem fundamentalmente a estrutura da pessoa humana e a sua realização.

- Sozinho na felicidade não se é feliz. Festa de um e para um é solidão disfarçada.

Viver é conviver. Existir com os outros. Vida fraternal, portanto, porque das interações sociais de cada um(a) derivam os cálculos, as estratégias e as previsões da pessoa para suas próprias prática e práxis. Viver, acolher e conviver, são atos de amor e de paz. Somos uma singular originalidade única, insubstituível, não solta todavia, mas orquestrada num hino comum. Paz: anunciar e viver a graça da CONCÓRDIA de uns para com os outros porque Jesus "derrubou em sua carne o muro da inimizade que nos separa" e sobre esta inimizade alcançou vitória esplêndida (Ef 2,14).

Paz, anunciar e viver a graça da CONCÓRDIA de uns para com os outros. Na Vida Religiosa, especialmente, porque a escuta de Deus não se dá, sobretudo, de modo individual e singular. É na Comunidade que os carismas pessoais são reconhecidos e ordenados à missão comum. É por ela que se descobre a vontade de Deus nos sinais dos tempos e se concretiza o carisma do Instituto e se faz possível a sua realização. O único amor que nos faz verdadeiramente felizes é aquele que se exprime por meio de um progresso espiritual realizado em comum.

A cultura de auto-realização que privilegia os próprios direitos, o próprio projeto, a realização da vocação pessoal, sinaliza grande dose de individualis-

mo e de perda do caminho do Evangelho, cujo centro é Deus e o seu Reino e o serviço ao próximo. O individualismo, deformada derivação última da subjetividade, coloca no centro a auto-referência, o próprio eu e seus interesses, o que contradiz e destrói a paz-concórdia.

Contemplar e humanizar. Servir-se sem violentar.

Paz, **RESPEITO** à natureza, criada para glória do Senhor e para morada provisória do homem. Estar de bem com esta natureza que de Deus veio, transformando-a pelo trabalho para humanizá-la. Libertá-la do domínio e da submissão. Cultivar, guardar, promover, cuidar. Sem a natureza não temos futuro. Ela é viva e mãe pródiga da vida, a condição de nossa vida. Hoje tememos, com razão, pelo fim desta nossa morada que é o mundo.

- Paz, RESPEITO, do latim *respicere*, isto é, olhar, observar, contemplar sem querer, em primeiro lugar, apossar-se. Só uma atitude contemplativa da natureza permite humanizá-la utilizando, de fato e de direito, sem violentar.

Na criação, o relacionamento do homem com as diversas ordens do universo: humana, animal, vegetal, celeste, terrestre, marítima, era serena e idílica. Equilíbrio, harmonia, uso racional, convivência, jerarquia. O mundo era um jardim para cultivar-se e colher frutos. Deus nele passeia e sente-se bem. Paz: voltar às origens, à perfeição das relações no interior da criação. RESPEITO à natureza, nossa casa comum. A dignidade humana está ligada à valorização de toda a criação.

Portadores de esperança

Paz, **CORAGEM** soberana que tudo afronta e sofre. Não se bloquear, portanto, nem se imobilizar, nem se paralisar. Libertar-se do aprisionamento gerado pela perplexidade. Desbloquear dinamismos reprimidos. Saber arriscar. Caminhar com prontidão, vigilância escatológica, discernimento. Firmeza. A firmeza é dom divino, instrumento de amor, necessária para amar e servir de modo coerente. Mangas arregaçadas. Rins cingidos. Enxergar no escuro debaixo de intempéries. Caminhar sempre. Ir avante.

Não se trata de ataraxia, imperturbabilidade de ânimo, ausência de inquietude, diante das vicissitudes da vida, apregoada pelos estóicos, epicureus e céticos. Pelo contrário. Trata-se da paz-coragem: perceber a força dos obstáculos à frente. Não ficar apático, contemplando a dificuldade. Braços cruzados: resignação estéril. Revelar-se valente. Dar-se conta dos próprios valores. Ter confiança em seu vôo de águia possível. Crer nas próprias potencialidades. Uma sadia auto-estima é imprescindível para se ter a paz.

A passividade que deixa continuar como está, o imobilismo, a defensiva, a retaguarda, a inação perante problemas prementes, por mais disfarçados, de lógica, prudência, cálculo, são sinais de que o Espírito foi sufocado. Não foi percebido nem atendido (lTs 5,19). Assim, não se tem a paz.

Paz, **CORAGEM** proveniente da fé. Trabalhar com paz pela paz. Não se amedrontar, nem se omitir ou ausentar-se. Trabalhar de modo pertinaz, ge-

neroso, sem qualquer propósito de retribuição imediata. Vivemos em tempo de tendências e situações extremadas. Saber ler os sinais dos tempos, discernir e avaliar suas expressões. Recuperar as sementes boas e conduzir tudo para realizações verdadeiras e autênticas. Sempre testemunhas e portadores de esperança. A contribuição pessoal, de cada um(a), é insubstituível e decisiva.

Reconciliados como filhos(as)

Paz, **HARMONIA** com Deus. Religação de todos e de tudo com a fonte originária de onde promana toda paz. "Paz a vós. Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados..." (Jo 20,19.22-23). Desejo, possibilidade e certeza de comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito. Reconciliados, amigos, filhos e filhas. Reconciliação universal e sem limites através da cruz. Paz, dom específico de Cristo ressuscitado.

- Deus quis estabelecer a PAZ por meio de Jesus, por seu sangue derramado na cruz, Cl 1,20.

Paz, **RECONCILIAÇÃO** com Deus. Em sentido negativo: perdão do pecado, libertação do mal, revogação da consenação. E em sentido positivo: comunhão com Deus. Instauração de nova relação com ele. Disto resulta uma realidade profunda: a paz com Deus.

Toda a vida cristã se fundamenta nesta radical experiência do perdão misericordioso e antecedente de Deus. É o coração e o centro nuclear da salvação cristã. Sempre iniciativa de Deus que se antecipa e transforma a nossa atormentada busca de respostas às necessidades fundamentais na decisão alegre de retorno à casa. Também entre as pessoas, só o perdão cura e liberta e abate os obstáculos no caminho da paz. Só ele comunica à paz consistência, futuro e autêntica qualidade humana.

A paz de Deus que supera toda capacidade humana de conceber e construir chegou à terra e a cada uma das pessoas com o NATAL de Jesus. "Glória a Deus no mais alto dos céus, e na terra PAZ aos homens por ele amados" (Lc 2,14). E se plenificou atingindo o máximo com sua paixão, morte e ressurreição. "Deixo-vos a paz. Dou-vos a minha paz. A paz esteja convosco". Amém (Jo 14,27; 21,20).

- JESUS é a nossa PAZ, Ef 2,14.

Endereço do autor:
Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB Nacional
Rua Alcindo Guanabara, 24 - 4° andar
Cinelândia CEP 20038-900 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: publicacoes@crbnacional.org.br

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1- Porque o conceito paz é entendido de maneiras diferentes hoje?
2- Como os textos do Antigo Testamento apresentam a temática da paz?
3- Que exigências concretas a compreensão da paz, na ótica do evangelho de Jesus, coloca para os seus seguidores atualmente?

Os grandes desafios da educação para o religioso/a hoje

PATRICIA GARCÍA DE QUEVEDO, RSCJ

Introdução

No ocaso do século XX e com a chegada do novo milênio apareceram muitas perguntas e surge a necessidade e o desejo de estar melhor preparados para enfrentarmos a realidade de nosso mundo atual. Está na hora de perguntarmos: o que tem acontecido de novo nestes primeiros anos do novo milênio? Quais as mudanças profundas que se deram, ou melhor, que vem se dando? Quais os principais desafios para a educação? Qual o papel da vida religiosa diante destes desafios? Nós experimentamos com angústia como está nos escapando das mãos algo fundamental, como é o mistério da pessoa, e são muitas as vezes que escutamos perguntas como : Quem somos nós? Qual o sentido da vida religiosa hoje? O que queremos deste momento histórico que vivemos? Até que ponto somos conscientes do processo de secularização? Somos convidados e convidadas a escutar estas e outras muitas perguntas com atenção, não para respondermos imediatamente, mas para situarmos da melhor maneira possível diante dos desafios deste momento de nossa história e irmos descobrindo os desafios que nos são apresentados como religiosos e religiosas educadoras.

I. Como contemplar a realidade

A situação de nosso mundo nos leva a reconhecer como é difícil compreender e situar-se nesta "mudança de época". A cultura dominante, hoje globalizada, está estruturada no poder traduzido como vontade de dominação em diferentes níveis: da natureza, das pessoas, dos povos, dos mercados. Para onde caminha o mundo? Para onde estamos sendo levados pelas medidas injustas de países que têm propostas bélicas para deter o terrorismo? Uns meses atrás estávamos unidos contra a guerra e pela paz, mas como conciliar tendências tão opostas? Como reconciliar a fragilidade de nosso mundo e nossa própria fragilidade?

Nós, religiosos e religiosas educadoras, precisamos ficar atentos aos sinais dos tempos para reconhecermos os grandes desafios que a realidade atual nos apresenta. Somos conscientes da complexidade de nosso mundo globalizado, onde vivemos sufocados de informação, há pouco sentido do destino último da humanidade. A globalização nos leva a viver no presente e esta experiência, da mesma maneira que nos aproxima, nos deixa também o sentimento de estar incomunicados.

A visão antropológica vai mudando, assim como a compreensão do homem e

da mulher vai se tornando cada vez mais complexa. Até onde nos conhecemos nós mesmos? Poder-se-ia dizer que tudo pode ser consultado via internet e acabamos descobrindo-nos afogados numa quantidade de informação que mais do que esclarecer e nos dar respostas, acaba nos confundindo. Uma das tensões que devemos aprender a enfrentar neste novo milênio é a tensão entre o universal e o singular; fica claro que diante da globalização, um dos riscos é esquecer o caráter único de cada pessoa.

As estatísticas nos revelam a situação de estrago e a falta de uma procura comum para enfrentar respostas adequadas. Uns anos atrás a UNICEF nos entregava dados reveladores que fazem refletir: na América Latina três em cada cinco crianças trabalham, na África um em cada três, e na Ásia um em cada dois.

Vai aumentando a indiferença diante do destino dos pobres e marginalizados. Há fome, desnutrição, violência, e são as crianças, mulheres e jovens os que mais sofrem esta situação.

A humanidade está com sede de quê? Nós, religiosos e religiosas estamos com sede de quê?

Tenho certeza que devemos partir de nós mesmos/as para tentar compreender o que estamos vivendo. Há uns anos, lendo uma palestra de Timothy Radcliffe[1], OP, indicava que o próprio de nosso mundo atual consiste em não termos um sentido compartilhado da direção de nossa história. O nosso é um mundo globalizado, e não sabemos para onde vamos. Nós religiosos, estamos precisando ser portadores de sabedoria, mais do que de conhecimentos.

Tendo presente que o âmbito missionário preferencial para muitos religiosos e religiosas é a educação formal e a educação informal, tentarei orientar esta reflexão para os desafios que nos apresenta a educação, com o desejo de poder aprofundar no sentido de nossa missão para vivê-la com realismo e esperança. Para a vida religiosa este é um momento vital, pois mais do que responder, devemos levantar questões certas sabendo da rapidez como acontecem as mudanças.

Qual o papel da educação no início deste novo milênio? Fomos preparados para acolher esta mudança de época, aos poucos fomos nos mentalizando, mas percebemos como é difícil responder com clareza às necessidades de nosso mundo hoje.

Não há dúvida da importância da educação na sociedade atual, e ao longo da história, percebemos que educar é acreditar, é amadurecer como pessoas. Vamos sendo mais conscientes de que a pessoa humana precisa de um processo educativo de crescimento.

Hoje para educar é preciso compreender, na educação formal, de que no ensino não se trata de injetar informações e de que uma das primeiras marcas que imprime a escola é a competitividade, criando confusão, pois ela é ensinada como bem. É urgente encarnar uma educação diferente, tanto na formal quanto na informal; uma educação que leve à tomada de consciência

[1] Fr. Timothy Radcliffe, OP. Missão num mundo que foge. Palestra na Assembléia de SEDOS em 5-12-00

da realidade para analisá-la e ser críticos/as diante dos valores e contravalores que nos oferece o mundo; uma educação que leve à participação social, à justiça e à equidade; justiça compreendida como justiça de benefícios mais do que princípios de justiça.

II. Um olhar ao mundo dos jovens

Para aprofundar nos desafios, precisamos nos aproximar ao mundo dos jovens e nos perguntar:

O que procuram os jovens, quais as suas necessidades? Como e a partir de onde podemos os religiosos e religiosas responder? Um grande desafio é descobrir suas necessidades e oferecer-lhes o gosto pela vida, uma vida que lhes faz e que nos faz pôr o pé no chão e dar valor àquilo que Deus nos deu, para amar sua criação e nos responsabilizarmos por ela.

Podemos cair na tentação de analisar seu mundo e ficar parados em grandes discursos sobre o que devem ser os jovens. É bom nos situarmos lá onde eles estão, acolher suas perguntas e sentirmos parte das suas inquietudes. É uma época difícil para os jovens, particularmente em alguns setores da sociedade. São precisas expectativas para esta geração que vem sendo bombardeada pela mídia com os valores da competitividade, como única saída para achar o sentido da vida; é oferecido um narcisismo absoluto e as imagens tão divulgadas de estrelas prefabricadas pela TV, onde você precisa ser um 'triunfador' para ser alguém, vão marcando os ideais de muitos jovens.

Aprofundando mais a realidade dos jovens, podemos descobrir também sua novidade e um dinamismo que nos leva para o futuro. Os jovens representam o futuro e a esperança.

Somos chamados/as a reconhecer sua capacidade de solidariedade, de amizade, sua sensibilidade de recriar a paz em nosso mundo tão ameaçado, sua criatividade e sua capacidade de transformação. Precisamos reconhecer que os jovens hoje, pertencem a uma parte muito vulnerável de nosso mundo: eles têm uma cultura própria e sua situação é diferente dependendo dos diferentes países. É preciso reconhecer que em muitos casos eles não podem satisfazer suas necessidades vitais mínimas e precisam enfrentar prematuramente o mundo dos adultos sem ter vivido sua juventude. Outros porém, têm todas as facilidades. Grande desafio para a educação é atender o verdadeiro crescimento e amadurecimento dos jovens, ajudá-los a ultrapassar o nível de frustração que tantas vezes os fecha em si mesmos e lhes fecha horizontes.

> "A educação deve nos levar a uma atitude de 'aprender mais do que ensinar' e uma das tensões que devemos aprender a enfrentar no novo milênio é a tensão entre o universal e o singular".

Nosso mundo atual, com as facilidades que apresenta para a comunicação, torna-se, às vezes, ameaçador para os jovens. Como já foi dito anteriormente, as comunicações informam, mas também podem manipular. Vivemos num mundo onde as relações humanas vão-

se deteriorando; daí a família está em crise, está sendo atingida e o permanente de um compromisso é questionado. A crise familiar atinge profundamente crianças, adolescentes e jovens; a violência não pára de crescer. A droga é um fenômeno social de evasão para os jovens e sabemos que na maior parte dos casos é uma forma de exploração econômica. São muitos os jovens que não encontram pontos de referência éticos e existem feridas psicológicas profundas. Vai sendo generalizada uma maneira diferente de viver a sexualidade; em diversas ocasiões não há mais espaço para tocar o mistério da pessoa, provocando uma despersonalização, uma certa incapacidade para a autonomia.

No meio desta realidade, e como sinal de esperança, há jovens que procuram razões para viver, que desejam relações verdadeiras, que lutam pela dignidade humana e desejam se comprometer conscientes de que os direitos humanos não estão totalmente reconhecidos; alguns jovens fazem a experiência de Deus e procuram uma nova espiritualidade.

Diante desta realidade, nós religiosas e religiosos educadores, precisamos nos sensibilizar, escutar a situação dos jovens como um grito que vai entrando cada vez mais profundamente em nossos corações; que nos leve a reconhecer e acolher sua cultura para criar novos espaços em nossa atividade apostólica, tanto na educação formal como na informal.

É preciso arriscar para acolher os jovens na sua autenticidade e com seus valores próprios, enfatizando a importância das relações sadias e tentando viver com eles a reciprocidade. Podemos acolhê-los a partir de um amor incondicional e libertador.

III. Desafios da educação

Vou começar por enumerar seis princípios fundamentais para a educação:

- Respeito pela vida.
- Rejeição à violência e a necessidade de educar para a paz.
- Ensinar a partilhar com os outros; sentido de justiça social e econômica.
- Escutar para compreender; aprender a dialogar.
- A conservação e o cuidado de nosso planeta.
- Redescobrir a solidariedade.

Estes princípios estão presentes no informe de Jacques Delors sobre a educação para o século XXI, onde são apresentados os quatro pilares fundamentais da educação para que a humanidade possa progredir para uma cultura de paz, liberdade e justiça. Estes princípios são: SER, CONHECER, FAZER e CONVIVER. O informe descreve o processo educativo como a sucessão contínua de aprendizados que vão assimilando as pessoas e os grupos ao longo da vida e a humanidade ao longo da história. Por isso a educação deve ser entendida como processo de desenvolvimento ao longo da vida toda.

A educação deve nos levar a uma atitude de "aprender mais do que ensinar" e uma das tensões que devemos aprender a enfrentar no novo milênio, é a tensão entre o universal e o singular. Precisamos reaprender a ser, a conhecer, a fazer e a conviver; alimentar um novo sonho sobre nossa "aldeia glo-

bal"; essa aldeia que em alguns momentos nos mostra suas fronteiras e, em outros, eles somem porque queremos construir um mundo bem mais visível e habitável para todos.

Há quem pense que estamos num tempo no qual precisamos de mais educação, mais formação e mais informação. O saber é imprescindível para poder responder a tantas necessidades como a fome, a doença, a incomunicação. Devemos reconhecer que tanto o saber quanto o poder tem nos levado muito longe, mas aparece uma outra pergunta: qual o projeto de ser humano, de sociedade e de mundo que nós temos? Estamos precisando de uma nova visão antropológica que nos leve a dar uma resposta ao sem-sentido de tantas pessoas e sociedades. Um dos sinais dos tempos é a procura de sentido, muito ligada à compaixão, compreendida como padecer com o outro, com a outra, e também como partilhar a paixão do outro/a e com o outro/a traduzida em paixão pela vida. Nós, religiosos e religiosas, somos chamados a levar a vida onde não existe, e esse é o sentido profundo do mistério cristão.

Ao falar nos desafios da educação, levando em conta a realidade atual, contemplando o mundo dos jovens e os princípios fundamentais para a educação, considero como dois grandes desafios o educar para a paz e o educar em e para o conflito, sendo consciente de que existem muitos outros desafios, mas com o desejo de sublinhar a importância desses dois para o momento atual.

IV. Educar para a paz

É evidente que estamos vivendo num mundo complexo e dividido. Ao falar em educar para a paz, devemos precisar que tipo de paz queremos. A paz é entendida de diferentes maneiras segundo as tradições e culturas. Pode ser entendida apenas como a NÃO guerra. Foi o que experimentamos uns meses atrás com a guerra do Iraque que presenciamos, assim como a quantidade de manifestações contra os diferentes países. A paz pode ser entendida como a ausência de conflitos bélicos ou então como o não conflito, ligada à harmonia pessoal, à tranqüilidade; muitas vezes imaginamos a paz como algo estático. Há outras maneiras de imaginá-la que são mais próximas das tradições do judaísmo e do hinduísmo; é a paz que não se define pela ausência de guerras e conflitos mas pela presença da justiça.

A paz não é estática, trata-se de um processo como foi expressa por Gandhi: "não há caminho para se chegar na paz; a paz é o caminho". Assim, educar para a paz levando-se em conta uma perspectiva positiva e conflitiva, seria "educar para não estar em paz" e como diz Jonathan Larson Rent: *"o contrário da guerra não é a paz, é a criação"*.

V. Educar em e para o conflito

Esse é outro desafio para a educação neste século. Consiste em reconhecer o conflito como algo co-natural ao ser humano e é positivo enquanto pode ser uma oportunidade para mudar e aprender. É preciso reconhecer o conflito como processo e aprender a analisar suas cau-

sas; intervir de maneira não violenta, através do diálogo, da negociação, da mediação e da ação não violenta.

É possível "aprender" a desenvolver a criatividade na procura de soluções nos conflitos; para isso é importante reconhecer e respeitar as diferenças, acolhê-las não como ameaça mas como uma oportunidade para se abrir e se enriquecer.

O compromisso do religioso educador e da religiosa educadora, nos compromete como pessoas. Queremos educar nos valores e uma das maneiras de fazê-lo é com nossa própria atitude. Se a mensagem transmitida em nível de conteúdos não é coerente com o que transmitimos com nossa atitude, ninguém acreditará e perderá todo seu valor e força.

Se pretendemos educar em atitudes de diálogo, empatia, escuta, resolução de conflitos, somos nós mesmos/as que devemos praticá-los no trato com todos os que nos rodeiam, tanto na educação formal quanto na informal.

Saberemos que respondemos os desafios da educação se o aprendizado leva ao compromisso, a uma ação transformadora da realidade.

Como foi dito, há muitos mais desafios, mas eu quis indicar estes dois como resposta urgente à situação atual. Vou me deter agora em algo que considero mais do que desafio e vira apelo para nós, religiosos e religiosas educadores. A começar da convicção que a educação é um processo que ocupa a vida toda, como foi dito, e levando-se em conta o momento histórico que nos tocou viver, fica urgente uma educação que leve à transformação de pessoas e realidades, assegurando que a pessoa na sua dimensão individual, social e transcendente seja o centro da educação.

> "É importante reconhecer e respeitar as diferenças, acolhê-las não como uma ameaça, mas como uma oportunidade para se abrir e se enriquecer".

Torna-se indispensável para educar para a paz, em e para o conflito, a formação de lideranças que possuam critérios éticos, com capacidade de autonomia, solidariedade e responsabilidade.

Cada vez mais vai se dando a experiência de uma real colaboração dos religiosos/as com os leigos/as. É um sinal dos tempos para nós, não por ser algo novo, mas pela maneira de ser compreendido diante dos desafios da educação. A certeza de estarmos precisando partilhar não apenas nosso trabalho, mas também uma espiritualidade que dê sentido e fortaleça a difícil missão de educar hoje, pode nos levar a uma real transformação, tão necessária para dias atuais.

Conclusão

Para ser coerente com o que foi exposto anteriormente, convém finalizar este artigo formulando outras perguntas que nos ajudem a avançar:

- Qual o passo que devemos dar na colaboração com outros/as para que aconteça uma maior reciprocidade, tanto na educação formal quanto na informal?

E ainda uma outra pergunta que considero válida para responder com maior esperança à missão educadora:

- Como reformular nossa espiritualidade em cada congregação religiosa, para que responda à sede de Deus, à fome de justiça, ao desejo de equidade e à procura de sentido?

A espiritualidade nos leva a captar a presença e ação do Espírito em nosso mundo e a reconhecer que lá onde há vida está o Espírito e tudo o que se opõe à vida é morte. Tudo que produzir vida, a espalhe, a defenda e a organize em função dela, é espiritualidade. A espiritualidade está profundamente enraizada na vida.

Manter uma reflexão e discernimento continuados sobre os desafios da educação pode iluminar o caminho e também fazê-la junto com outros/as, para não nos sentirmos sós nessa procura que nos leva a reconhecer a importância da educação e a anunciar com esperança que "um outro mundo é possível".

Bibliografia

BOFF, Leonardo. El cuidado esencial. Ética de lo humano, compasión por la tierra. Editorial Trotta, Madrid 2002.

CASCON SORIANO, Paco. Educar para la Paz en el nuevo milenio. Palestra apresentada no IX Simposium de Educação do ITESO, em Guadalajara, Jal, 2001.

UNESCO: La educación encierra un tesoro, 1997. Ediciones UNESCO.

A autora é Coordenadora do Conselho de Educação da Província RSCJ, de México e Nicarágua.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A autora na conclusão do seu artigo coloca duas perguntas. Como poderiam ser respondidas por sua comunidade?

"Não há caminho
para se chegar na paz;
a paz é o caminho."

Mística evangélica do compromisso com os pobres

Frei Gilvander Luís Moreira, O. Carm

"Lançai as redes para águas mais profundas!" (Lc 5,4)

1) Ponto de partida:

A estrutura de violência e de exclusão nos fragmenta e está nos deixando em cacos. É hora de recompor os cacos em um grande e articulado mosaico; **é hora de re-integrar as nossas forças e as nossas energias vitais.**

Vivemos um tempo perigoso. Tempo de fundamentalismo, de céus povoados de anjos e entidades, de demônios por todos os lados, de gritaria de deuses, de promessas, de busca insaciável de bênçãos, de procissões, de peregrinações, de necessidade de expiação, de moralismo, de religiões sem Deus, de salvação sem escatologia, de cristianismo *light*, de libertações que não vão muito além da auto-estima.

Clamores ensurdecedores brotam dos porões da humanidade. A mãe Terra clama para ser salva. Medo, insegurança e instabilidade atingem a todos.

Atualmente, impera a mística anti-evangélica do descompromisso com os pobres. Estes, além de empobrecidos e marginalizados, são acusados de serem os responsáveis pela sua situação de miséria. Inverte-se a realidade: verdugos tentam parecer bons samaritanos e vítimas são consideradas vagabundas, irresponsáveis e bagunceiras.

Há uma busca frenética por experiências religiosas, mas pouca experiência de Deus. Esta, como ensina, com muita propriedade, João Batista Libânio, nos leva a ser mais humanos, solidários com sofredores e indignados frente injustiças e sistemas de opressão e exclusão. É uma época de muita religiosidade e de pouca Religião.

2) O que deve ser Religião?

Segundo a etimologia da palavra, diz-se que, no seu sentido mais profundo, Religião (que vem do latim) é *re-ligare; re-légere; re-elígere:*

2.1) Religião verdadeira nos re-liga:

a) **Com Deus, nossa fonte primeira** – o mistério de amor maior e inefável, que nos envolve, nos permeia, nos perpassa e nos liga a todos e a tudo (Sl 138).

b) **Com o outro (o próximo)** – prioritariamente com marginalizados e excluídos; ajudando-nos a estabelecer vínculos efetivos, afetivos e de comunicação para que possamos viver e conviver.

c) **Com a natureza / toda a Criação** – a mãe Terra, a irmã água, o irmão sol, o irmão oxigênio, plantas, animais, etc: a Religião nos integra na grande **comunidade da vida.**

d) Conosco mesmos – no seu sentido mais genuíno, a Religião nos guia até o mais profundo de nós mesmos, nossos medos e sonhos, nossas forças e fraquezas; por ela transborda o imenso e belo potencial de vida existente em nós e no nosso entorno: beleza, força e energia vital.

2.2) Religião verdadeira nos ensina a re-ler:

➪ Ler de novo, interpretar, com senso crítico e criativo, a realidade do que somos e a que nos envolve. Reavaliar o sentido que damos à vida, nossas posturas, acertos e desacertos. Em nossa caverna global, sob a batuta da mídia, funciona, a todo vapor, a indústria do senso comum, do entretenimento fútil e da desinformação. Informações sem valor para uma vida de mais qualidade nos anestesiam e nos intoxicam. Os grandes meios de comunicação super-valorizam o negativo, o exótico, as tragédias de apelo sensacionalista, fomentando a cegueira e a paralisia. É preciso reler, re-interpretar, não se acostumar, não banalizar, não ser ingênuos/as. É preciso desconfiar de muitas coisas que nos são apresentadas. É preciso discernir. *"Como é que vocês não sabem interpretar o tempo presente?"* (Lc 12,56).

2.3) Religião verdadeira é também eleger de novo:

➪ Escolher melhor, fazer opções libertadoras e éticas diante dos desafios que se colocam para nós.

3) Religião X religiosidade

Grande parte das expressões religiosas atuais não ajuda a vivenciar os sentidos acima descritos de Religião. Deixam as pessoas alienadas, ensimesmadas, cada vez mais cegas e impossibilitadas de trilhar caminhos que levem a um bonito processo de humanização. O máximo que a explosão religiosa gera são pessoas assistencialistas, dóceis nos relacionamentos e caridosas; enfim, pessoas mansas como ovelhas. Quantas vezes, em nome da Religião, se faz exatamente o oposto do que deveria ser feito por alguém que se diz "religioso"? Com muito acerto, o teólogo da libertação, João Batista Libânio, nos alerta que vivemos hoje uma era de "neopaganismo, travestido com aparência religiosa".

No verdadeiro sentido acima descrito e observando as pessoas que freqüentam as igrejas, parece que há pouca religião. Aparências religiosas são abundantes, ostensivas e enganam muita gente, mas em 2/3 da humanidade, no meio do povão, há religião no bom sentido e há Mística Evangélica.

4) Mística Evangélica de Jesus

É muito salutar olhar no "retrovisor" que a Bíblia representa e resgatar a experiência mística e espiritual de Jesus Cristo. Tentamos revelar aqui alguns traços da Mística Evangélica do Homem de Nazaré. Para evitar o clichê, vamos esclarecer o que entendemos por mística. Referimo-nos a **uma Mística Evangélica, não** à mística capitalista neoliberal, que insufla o espírito dos ídolos do mercado e do capital e reduz pesso-

as humanas a meros consumidores; nem tampouco às místicas esotéricas, que tratam a pessoa desvinculadamente do que a envolve.

"Mística significa motivação profunda e sólida para não apenas estar na missão, mas para fazer dela sua vida e sua causa maior. É o ideal que a pessoa tem para realizar com totalidade o seu trabalho", afirma, com muita sensatez, nosso irmão Marcelo Barros. Em outros termos, mística é o segredo que motiva o mais profundo de nossas vidas, que não é somente intelectual ou ideológico, mas é um compromisso de amor. Falamos de mística cristã, que equivale a "espiritualidade", que não tem nada a ver com "espiritualismo" e sim com "ser conduzidos pelo Espírito de Deus". Espírito que brota (ou germina) das entranhas da História da comunidade de vida. Espírito que irrompe principalmente a partir dos porões da humanidade, onde a vida é negada. Não se trata de "peruca em cabeça de careca".

Leonardo Boff, com olhar penetrante, ensina que "a espiritualidade não é monopólio das religiões, mas uma dimensão do humano. É a nossa capacidade de dialogar com o Eu profundo e de ouvir os apelos do coração. É a consciência que se sente inserida num todo maior e que capta o elo secreto que tudo liga e re-liga à Fonte primeira de todo ser, chamada Deus. Com ele entretém diálogo de intimidade e de amor. A espiritualidade é a aura que sustenta os valores de solidariedade, com-paixão, cuidado e amor, fundamentais para uma sociabilidade verdadeiramente humana".

Espiritualidade profunda que guia o ser humano, Mística envolve:

- paixão,
- compaixão e
- vontade transformadora.

Pela vontade transformadora, somos estimulados a sair de nós mesmos, a nos associarmos aos outros, a nos vincularmos a redes de solidariedade. Somos suscitados ao engajamento em lutas por transformações. De solidários/as passamos a militantes do Reino de Jesus, quando descobrimos que há uma imensa rede de pessoas e organizações que lutam pela construção de um mundo mais humano.

Pela paixão, vemos com os olhos do coração, nos entusiasmamos[1] por causas maiores.

Pela compaixão, vivemos na lógica do amor e da gratuidade. Compaixão não é sentir pena, nem comiseração. Significa o movimento das entranhas humanas (vísceras, ventre, coração) causado pela dor do outro ao ser visto. É sofrer com, sentir com; é se comover interiormente pela dor do outro. É ficar sensibilizado e afetado pela dor do outro. O sofrimento do outro contagia e o sentimos com o outro. Psicologicamente, compaixão é atender o outro, envolver-se com o que sofre e assumir com ele a sua dor. É dirigir a atenção à pessoa que clama por misericórdia. É fazer da pessoa, naquele momento, o absoluto da vida de modo que ela se

[1] Entusiasmar-se é descobrir-se dentro de Deus. Etimologicamente trata-se de "en-teo-asma", ou seja, dentro do Espírito de Deus. É mais do que ter Deus dentro de si.

sinta acolhida, valorizada, compreendida e envolvida. Prioritariamente, é pelo olhar ou pelo ouvir que a dor do outro flui para dentro da gente, fazendo nossas entranhas revolverem-se e todo o nosso corpo estremecer e sentir. A compaixão irradia das entranhas e se espalha por todo o corpo, como uma pedrinha jogada no meio do lago vai repercutindo até às margens. O coração dói, os olhos choram, a cabeça se indigna, todo o corpo treme e daí brota o convite à fidelidade. A compaixão é como um vulcão que nos sacode por dentro e nos chacoalha até irromper nas mãos e nos pés - convite para ações solidárias, gratuitas e libertadoras. "A estrutura da Compaixão consiste em que o sofrimento alheio se interioriza na pessoa ao ser visto; este sofrimento interiorizado gera uma re-ação (ação, portanto)". *A Compaixão está não só no princípio da ação humana, mas acompanha toda a ação humana e deixa marcas indeléveis na pessoa que se deixou guiar pelo outro sofredor.*

Mística Evangélica é:

- uma Boa Notícia para os pobres, isto é, para os cegos, surdos, mudos, presos, doentes e pecadores; enfim, para os marginalizados e excluídos, e
- uma péssima notícia para os opressores e "vampiros" dos pobres.

A Boa Notícia traz vida de qualidade para todos e para tudo a partir das vítimas.

A Mística Evangélica:

a) **Desaliena pessoas**, gerando visão crítica e criativa.
b) **Transforma pessoas** em protagonistas e sujeitas de sua própria história.
c) **Anima pessoas** a não renunciarem à sua vez e voz.
d) **Liberta de todas as prisões.**
e) **Cura integralmente.**
f) **Habilita pessoas a dar e a receber o perdão,** libertando de complexos de culpa e de traumas.

Abordamos a Mística Evangélica comprometida com os pobres: compromisso que gera engajamento comunitário ao lado dos pobres na luta por vida, por conversão pessoal, social e estrutural e que busca chegar à grande comunhão com Deus e à comunhão universal. No cara-a-cara com os pobres, eles nos interpelam, nossas máscaras caem; nos sentimos nus e três perguntas clamam por respostas existenciais:

5) Onde estamos? Onde está nosso irmão? O que estamos fazendo?

As perguntas de Javé, o Deus solidário e libertador, continuam ecoando e nos interpelando.

- A primeira pergunta Deus dirigiu a Adão (= humanidade): "**Onde tu estás?**" (Gn 3,9).
- A segunda, Javé dirigiu a Caim: "**Onde está o teu irmão, Abel?**" (Caim havia assassinado seu irmão (Gn 4,8)).
- A terceira pergunta, o Deus que não aceita idolatria fez ao Profeta Elias: "**O que fazes aqui?**" (I Rs 19,9.13).

Adão, Caim e Elias se viram em apuros. Existenciais, estas perguntas incomodam. Ao respondê-las com sensatez, vemos que a auto-suficiência pessoal e de alguns sistemas totalitários estão levando a humanidade à loucura.

Onde estamos? Estamos numa das

maiores encruzilhadas da história humana. A crise é tão grande, que não há precedentes na história. Medo, instabilidade e insegurança generalizados e contagiantes nos encurralam em becos sem saída. Quais são as "motivações profundas e sólidas" para alimentar a nossa vida cristã? Como viver segundo o Espírito (Rm 8,4)? Qual é o Espírito que me anima em tudo que sou e faço? É possível perseverar? Nossa luta tem sentido? Não está sendo em vão? E os resultados? É melhor desistir? Mudar de luta?!!! Perguntas e mais perguntas povoam nossas mentes. Para quem está na luta, faz bem recordar que **Jeremias** lutou vinte e três anos sem resultados. **Paulo** apóstolo teve os três primeiros anos de ação missionária sem nenhum fruto, sem formar nenhuma comunidade. **Jesus** tinha no início da missão pública um grande apoio popular, mas no final só algumas pessoas permaneceram firmes ao seu lado: Maria, o discípulo amado, Madalena, etc... Jesus terminou como um aparentemente fracassado. Antes da experiência da Ressurreição tudo parecia ser um grande fracasso (Lc 24,13-24): *"nós esperávamos..., mas..."*. Onde arrumar forças para não desanimar, apesar de tudo? Urge ser como o poeta que afirma: "Faz escuro, mas eu canto".

6) O núcleo da espiritualidade de Jesus.

Para poder viver e conviver comprometido com os pobres, Jesus era íntimo de Deus, a quem tratava com muito carinho. Deus era, nele, uma experiência de amor, não um conceito doutrinário ou teológico. Deus era em Jesus, uma experiência afetiva, afetuosa. A intimidade de Jesus com Deus se dava na oração e Ele orava em meio aos conflitos da vida pública. Uma característica básica da vida de Jesus é transitar da montanha para a planície, ou seja, dos "infernos da vida" para a intimidade com Deus. Jesus se preocupava em dedicar tempo à comunhão com Deus e conciliava militância com momentos de oração. Militância e Oração: uma alimenta a outra. Para Jesus ação não é oração – Ele pára para orar. Há quem considere que "a ação já é oração", o que é muito relativo. Na experiência de Jesus, era muito freqüente ele retirar-se para estar a sós com Deus. Dom Pedro Casaldáliga nos alerta: *"Militante cristão precisa rezar pelo menos trinta minutos por dia."*

Na espiritualidade farisaica o centro da santidade está na capacidade de ser virtuoso. No modelo de Jesus, quanto mais pecador me reconheço, mais Deus me ama e mais devo me abrir para Ele. Não há montanha a subir, não há virtude a servir de critério para o encontro com Deus. Há apenas uma coisa: Deus nos ama irremediavelmente, apaixonadamente. E quanto pior estivermos, mais nos devemos abrir a esse amor de Mãe. Porque a Mãe se preocupa mais com o filho doente, fraco, que está metido em uma porção de rolos. É com esse que ela mais sofre, é a esse que ela mais quer. É preciso deixar-se acolher, na linha do acolhimento que Jesus faz à prostituta, ao ladrão, ao sujeito condenado pelos fariseus, a todos os excluídos.

Enfim, Jesus foi um grande místico, na linha dos profetas. Viveu e cultivou uma relação amorosa e íntima (não intimista) com o Pai, Deus da Vida.

7) O Deus de Jesus de Nazaré

Para Jesus e para o cristianismo, o Deus verdadeiro está no outro, preferencialmente. Está em cada um/a de nós, mas está, por excelência, no outro. Deus não pede nada para si mesmo, não quer ser objeto do nosso amor. Deus é sujeito de amor. A quem diz a Deus: "quero te amar!", Ele responde: "ficarei muito feliz se você amar o seu próximo, o outro, seu irmão". "Não se preocupe comigo; ame meus filhos e filhas que são todas as criaturas", poderia continuar Deus dizendo.

O Artista maior das nossas vidas não é "onipotente", porque não age como ditador impondo a sua vontade. Deus não é padrasto; não é paternalista; não é assistencialista. Ele não atropela as nossas liberdades. Deus é 100% amor; é pai e mãe. Por isso não impõe nada, mas se limita a propor ternamente. Podemos dizer sim ou não ao seu projeto libertador e humanizador e temos que assumir as conseqüências. Por ser amor, Deus é eminentemente "frágil", pois nos deixa livres, respeita o nosso direito de ser diferente, muitas vezes tem "uma paciência danada" conosco, e sabe que mais cedo ou mais tarde daremos a nossa adesão ao seu projeto de amor e de libertação que se realiza em tempos de exclusão. A ação de Deus é como fogo no capim seco ou como água morro abaixo: ninguém segura.

8) Elementos constitutivos da Mística de Jesus

Além da grande intimidade com Deus, manifestada na Oração, o que era espírito-espiritualidade para Jesus viver sua missão no compromisso com os pobres? Destacamos os seguintes aspectos:

- A paixão de Jesus pelo Reino se tornou paixão (com-paixão) pelos marginalizados e excluídos (Lc 9,1-6). A raiz desta paixão e desta prática solidária e libertadora foi sempre, a comunhão íntima e amorosa com o Deus da Vida, Pai e Mãe de Amor.
- A profunda amizade com Madalena, Lázaro, Maria, o discípulo amado e outros/as discípulos/as.
- A noção de que era Filho dos profetas. Jesus era descendente de Abraão (no início, um "sem-terra", sem futuro e sem bênção), de Moisés (líder da libertação dos escravos frente ao imperialismo egípcio), de Elias (ardoroso defensor de Javé e dos preferidos de Deus, implacável lutador contra toda e qualquer idolatria), de Amós (camponês vaqueiro que chamou os "latifundiários" de vacas de basã), de João Batista (líder de um grande movimento popular que queria construir um mundo social mais justo e igualitário). (Somos filhos/as não apenas de nossos pais).
- Jesus cultivava no coração e na mente a mais profunda convicção expressa no Sl 72,15: *"Não posso trair quem está na luta...!* " Ai do líder que trai o seu povo. Eis um exemplo: Allende, presidente constitucionalmente eleito pelo povo do Chile, foi morto em

11 de setembro de 1973, dentro do palácio do governo. Forças militares apoiadas pelos EUA fizeram um golpe militar e impuseram Pinochet no poder para liderar uma ditadura, que foi responsável pelo desaparecimento de trinta mil pessoas. Allende legou exemplo raro: preferiu a morte à infâmia. *"Pagarei com minha vida a lealdade do povo"*, disse em sua última mensagem, pela rádio Magallanes, quando qualquer resistência era inútil. E terminou pondo a esperança no horizonte, contra o vento e maré: *"superarão outros homens este momento cinzento e amargo, no qual a traição pretende impor-se,... continuem sabendo que antes cedo do que tarde, se abrirão as grandes alamedas pelas quais passará o homem livre para construir uma sociedade melhor"*.

- A intuição de que devia honrar o sangue dôs mártires: João Batista, as crianças assassinadas por Herodes, o sitiante Nabot (I Rs 21), os camponeses, vítimas da pesada tributação do Império Romano, etc. O sangue de Jesus ferveu e Ele ficou indignado ao saber que seu grande amigo João Batista havia sido preso por Herodes (Mc 1,14-15). O profeta João Batista gerou subversão e incomodou os poderosos. Era preciso eliminá-lo. Jesus leu os fatos da Vida e concluiu: "Chegou a minha hora, agora tenho que continuar a missão de João Batista."
- O fato de ser filho de José, o justo, (lavrador e carpinteiro) e de Maria, uma mulher do Deus dos excluídos e dos excluídos de Deus.

9) Jesus se encontra com os pobres e com eles se compromete

A vida de JESUS, que conhecemos também por suas posturas e ensinamentos, se caracteriza por **ENCONTROS** com pessoas do seu círculo de amizade e principalmente com pessoas do mundo dos excluídos. Ele:

- Teve, esporadicamente, "encontros" com pessoas do poder dominação, que foram mais "desencontros" do que encontros, pois marcados por atritos.
- Mergulhou na conflitividade da Vida: foi a Jerusalém (centro do poder assassino), cidade em que pisou raríssimas vezes, no exato momento em que era mais procurado pela repressão.
- Inseriu-se na História; assumiu a história com suas potencialidades e limitações; encarnou-se; não foi um fantasma, nem um mágico.
- Foi um inconformado com as injustiças e com os sistemas injustos; foi um sonhador, uma pessoa que cultivava a utopia bonita do Reino de Deus no nosso meio, tinha os pés no chão, mas o coração nos céus.
- Foi um profeta: alguém muito sensível, capaz de captar os sussurros e os cochichos de Deus através das entranhas dos fatos históricos.
- Foi, acima de tudo, uma testemunha, um mártir; não apenas disse verdades, mas doou a vida pelas verdades que defendia.

JESUS e seu movimento, numa postura altamente irreverente, se deixa envolver, se apaixona, se compadece do povo sofrido, o que se revela num esforço de transformação:

- Desmistifica o que é mistificado pelo senso comum.
- Des-idolatra deuses e ídolos que concorrem numa imensa gritaria tentando seduzir as pessoas para projetos escravizadores.
- Des-sacraliza o Poder, desmascarando os poderes religioso-político e econômico que, endeusados, promovem grandes atrocidades.
- Des-dualiza a forma de encarar a realidade – com Jesus, "o véu do templo se rasga" (Lc 23,45) e "ninguém deve chamar de impuro aquilo que Deus criou" (At 10,15). Não há mais separação entre puro e impuro, entre santo e pecador, entre transcendência e imanência, entre dentro e fora, etc. Tudo e todos são banhados pela dimensão divina e transcendente da vida. Em cada um/a de nós estão o feminino e o masculino, o bem e o mal, o sagrado e o profano.

JESUS se tornou tão humano que acabou se divinizando. Pelo seu relacionamento íntimo com o Pai, ao qual chamava de papai, paizinho (*abbáh*, em hebraico), Ele nos revela uma característica fundamental que perpassa toda a experiência do povo de Deus da Bíblia: o Deus comprometido com os pobres é um Deus *transdescendente*, não apenas transcendente – sua transcendência se esconde na imanência. A partir do Êxodo, constatamos como Javé é um Deus que **ouve** os clamores dos oprimidos e **desce** para libertá-los (Ex 3,7-9). No início do Gênesis, o Espírito **desce** e paira sobre as águas. Em Jesus de Nazaré, Deus se encarna, **descendo** e **assumindo** a condição humana, tendo "nascido de mulher" (Gl 4,4). No Apocalipse, Deus **larga o céu, desce, arma sua tenda entre nós e vem morar conosco definitivamente.** Logo, um movimento de *transdescendência* perpassa toda a Bíblia. Esta característica se reflete em Jesus.

Por sua prática e por seus ensinamentos, com audácia, JESUS propõe uma revisão do núcleo da Religião:

- Deus não mais está fora, nem acima, nem distante; nem é "onipotente". O Deus de Jesus co-participa dos processos de libertação.
- Os meios tradicionais de relacionamento com Deus – oração, jejum e esmola – se relativizam.
- O jeito de viver a Religião se deshierarquiza. Jesus faz uma "revolução copernicana" ao colocar Deus **dentro** da Pessoa Humana, da História e das Relações.
- Aponta para a Comunhão de tudo com todos, da qual devemos **participar**, tomar parte como membros de uma teia da vida com vocação para o infinito.

JESUS resgata, integra, unifica, harmoniza todos com tudo numa relação de *inter-retro-dependência*, vivenciando há séculos o que Einstein nos alertou recente e cientificamente: "Os seres humanos *são parte* do universo. Se considerar como seres separados, à parte, é uma grande limitação. Temos que irradiar nossa compaixão a tudo".

Como discípulos e discípulas de Jesus Cristo somos convidados a ser sal e luz no mundo. As Igrejas devem estar **dentro** do mundo, **com** o mundo e **para** o mundo. Esta é a História conduzida pela humanidade. O Espírito de Deus, dentro de tudo, age de baixo pra cima e

de dentro pra fora – irrompe como água da fonte.

JESUS se comprometeu com os pobres. Quem são os pobres de Jesus? Pobre é quem sabe que, para além das coisas, o que existe são relações. Pobre não confia no poder centralizado, confia no projeto da partilha (Jo 6,1-14). A Mística de Jesus nos faz perceber que, por trás de um café com pão de queijo oferecidos, estão sendo oferecidos muito mais do que coisas. Oferecem-se amizade, afeto, acolhida, atenção, reverência, gratidão etc.

JESUS se fez mediação, porque reconheceu em todos e em tudo uma fonte: cada pessoa é uma fonte inesgotável de riquezas, de belezas e de dignidade.

10) Caminho a ser trilhado:

a) Partilha.
b) Desenvolvimento duradouro.
c) Preservação do ambiente.
d) Construção da paz entre pessoas, religiões e povos.

JESUS se engaja na luta ao lado dos pobres de um modo relacional. Ele não substitui os pobres, não os carrega nas costas, não os tutela. Quem recebe um presente de braços cruzados é como porco que recebe uma pérola: não valoriza a dádiva recebida. Jesus não desresponsabiliza ninguém, pelo contrário, responsabiliza todos pela participação na vida se relacionando de uma forma bonita, gratuita e libertadora (Lc 10,25-37).

9) Mística de Jesus a partir do Bom Samaritano

No episódio-parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) temos um eloqüente paradigma da Mística Evangélica comprometida com os pobres:

O samaritano era um estrangeiro, herege segundo os judeus, discriminado, tachado de pagão, um "impuro", um "bárbaro"; enfim um excluído que entrou para a história como o Pai dos Voluntários autênticos. Ele denuncia uma estrutura assaltante do povo sendo solidário de modo gratuito e libertador.

Em Lc 10,33-35, com riqueza de detalhes, o samaritano percorre os passos interligados e interdependentes da Compaixão que deságua na Misericórdia, um caminho de Mística Evangélica.

1. **"Certo samaritano..."**. um anônimo, herege segundo a religião judaica, impuro segundo a raça, pagão segundo a cultura. Um representante dos samaritanos que por 900 anos foram discriminados pelos judeus.
2. Estando **viajando**, **se aproxima** da realidade do caído e semimorto. Não passa adiante. Não levanta teorias que justificam a exclusão e aliviam a consciência. Interrompe seus planos e deixa-se guiar pelo inesperado, pelo inédito, pelo que acontece. O samaritano estava em viagem, porque estava trabalhando. Estava ocupado e provavelmente também preocupado com suas responsabilidades. Mas, por ironia da história, as pessoas que encontram mais tempo são as mais ocupadas. Diz a sabedoria dos engajados: "Se precisar de ajuda, procure alguém que está muito ocupado, pois este terá mais tempo". Quem pouco trabalha não encontra tempo para ser solidário. Encontra tempo para milhares de coisas para enrolar a vida. "Tempo

é questão de prioridade", diz quem ama. Quem ama verdadeiramente sempre encontra tempo para estar com a pessoa amada. "Faz das tripas coração", isto é, produz o tempo necessário para estar com o outro. O sacerdote e o levita voltavam do trabalho e teriam, em tese, mais tempo para se dedicar ao pobre assaltado, mas foram insensíveis.

3. **"Chega junto..."**. O samaritano não fica à distância, na arquibancada da vida, se aproxima do outro que está em apuros. Pe. Júlio Lancellotti, vigário episcopal para o povo da rua, da capital de São Paulo, certa vez, quando saía da prisão, foi nervosamente interpelado pelo diretor da prisão: *"Pode voltar lá dentro, pois os menores infratores recomeçaram outra rebelião lá e já fizeram alguns funcionários como reféns."* Pe. Júlio discerniu no calor do conflito e decidiu voltar. Ao entrar, pulou no meio dos menores rebelados e gritou: *"Silêncio! Sentem todos!"* Um menor grandão levantou-se e disse para todos: *"Vamos obedecer, pois é o padre nosso amigo que está falando"*. Pe. Júlio continuando conclamou os menores: *"Vamos rezar um Pai Nosso. Pai nosso, que estás no céu..."* Todos rezaram e assim a rebelião foi contida. No dia seguinte, perguntaram aos menores: *"Por que vocês obedecem ao Pe. Júlio e não obedecem aos guardas penitenciários?"* Eles responderam em coro: *"Pe. Júlio é gente fina; é nosso amigo; chega junto quando estamos em apuros; é verdadeiro; gosta de nós; não mente pra nós; não é pilantra"*. Alguns menores foram torturados por dizerem esta verdade e denunciarem as arbitrariedades cometidas pelos guardas.
4. **Vê o excluído semimorto**. Não foi um olhar racional, cheio de explicações científicas sobre o sofrimento do outro. Entrega seu olhar ao outro que sofre. Olha com benevolência e ternura. Deixa que a dor do outro entre através dos seus olhos. Certamente foi um olhar penetrante. Passa a ver o mundo a partir da dor do outro. E se deixa guiar pela visão que vê o outro sofrendo. Diz a sabedoria popular que o que os olhos não vêem o coração não sente. Diz um provérbio indiano que os olhos vêm mil vezes mais do que os ouvidos escutam.
5. **Move-se de Compaixão** frente à dor do excluído. A dor do outro entra pelos olhos e invade todo o corpo. Penetra nas entranhas, no coração, revolvendo-os. Revira o corpo por dentro. Quem está comovido se entrega ao outro, não o agride. Sentir compaixão é associar à dor do outro partilhando-a. Dor partilhada é dor diminuída. A ***dor*** sentida pela pessoa excluída foi suavizada pelo ***odor*** da companhia do samaritano. Segundo o Dalai Lama, compaixão é admitir que a vida do outro é mais importante do que a minha própria vida; é orientar a vida a partir do outro que sofre. O outro se torna um absoluto na minha vida. Quem vai decidir se o meu trabalho vai continuar é a situação do outro.
6. **Aproxima ainda mais** da pessoa sofrida, se entrega gradativamente ao outro. É na proximidade que se

dá o encontro face-a-face, o encontro do EU-TU. Foi assim que aconteceu com Moisés na sarça ardente. Jó, depois de passar por um processo dolorido de revisão da sua experiência de Deus, chega à conclusão que "antes eu Te conhecia somente por ouvir dizer, mas agora meus OLHOS Te vêem". Quer dizer, Jó encontra-se face-a-face com um Deus solidário e libertador. Mas o encontro face-a-face com Deus se dá no encontro face-a-face com o outro, principalmente com o outro que está excluído, semimorto. Eis um exemplo: uma freira, desejosa de viver a contemplação no meio do povo excluído da periferia de Vitória da Conquista/BA, acabou desistindo de contemplar Deus face-a-face todas as manhãs e foi tentar ser um pouco solidária com o povo aflito da vizinhança. Um dia, enquanto visitava as famílias nos seus casebres, percebendo que muitas mães davam água com sal para tentar consolar os filhos que choravam pedindo alimento, a freira perguntou para uma mãe: *"Por que você vendeu todas as camas, cadeiras e os móveis da casa?"* A mãe respondeu: *"Irmã, a senhora nunca vai conseguir entender o que significa uma mãe ver o filho chorar gritando que está com fome e não ter alimento para dar para o filho. Vendi todos os móveis, um a um, para comprar pão para meus sete filhos. Frio até que a gente agüenta, mas passar fome e ver os filhos pedirem alimento é ser cortada por dentro; mata a gente aos poucos. Nós mães não somos de ferro. Somos de carne e osso e amamos os nossos filhos".*

7. **Cuida** (fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas) **do outro no imediato e no mediato.** A Compaixão esquenta o corpo e particularmente o coração e aciona as mãos para a prática da Misericórdia. A solidariedade efetiva conclui o processo da Misericórdia. O samaritano vive na espiritualidade do CUIDADO com o outro e consigo mesmo. Eloqüentes são o *como* e o *com quê* o samaritano cuida do outro. *Como*? Com a experiência e a competência de quem já está familiarizado com o exercício da solidariedade. *Com quê*? Com os frutos da mãe terra e do trabalho (e suor) humano. Com produtos naturais o samaritano recupera a vida do outro: óleo, para curar feridas e vinho, que além de curar, dá alegria e ajuda a retomar a vida.
8. **E colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o a uma pensão, onde cuidou dele...** Fez-se solidário também no mediato, deu os primeiros socorros, mas depois encaminhou o semimorto para o restabelecimento completo. O samaritano não se contentou com o mínimo de assistência a alguém em perigo, mas deu seu tempo, seu dinheiro e o seu ser, sem calcular. O dom do dinheiro não é substituto, mas o complemento da ação pessoal. Ele amou "com força", isto é, com os seus próprios bens econômicos. Ele mostrou que amar é agir com o coração, é ter cor-agem. Para o samaritano o grito por solidariedade é urgente. Seria tarde demais, ele che-

garia atrasado, se o samaritano tivesse dito para o excluído semimorto: "daqui a pouco eu te ajudo"; ou "espera um pouco"; ou "quando eu voltar te ajudarei"; ou "depois que eu me aposentar eu te ajudo"; ou "quando eu ganhar na loteria eu te ajudo"; ou... O samaritano cedeu o seu próprio jumento para carregar a vítima, desinstalando-se. Isto nos faz recordar a alegria com que o povo pobre, quando recebe uma visita, oferece a própria cama e vai dormir no chão. Muito diferente é chegar numa casa rica. A primeira coisa que se vê é uma placa com a seguinte inscrição "Cuidado, cão bravo" ou "Cuidado, cerca elétrica"...

9. **Pagou dois denários...** é muito dinheiro, provavelmente o equivalente a vinte e sete dias de alimentação naquela pensão. O que sugere que a vítima estava seriamente ferida e que ia precisar de muito tempo para se recuperar.
10. **Deixa o assaltado encaminhado** – foi embora, mas deixou marcas de bondade e saiu marcado positivamente para o resto da vida.
11. **Não deixou nome e nem endereço.** O samaritano soube a hora exata de entrar na vida do outro e o momento oportuno para sair da vida do outro. Foi embora. Agindo assim, impossibilitou que se criasse vínculo de dependência entre ele e a pessoa semimorta. Ele foi **solidário** de modo **gratuito e libertador.**

Enfim, o bom samaritano nos dá uma aula de como viver a Mística Evangélica do compromisso com os pobres.

11) Concluindo

A partir da Mística Evangélica do compromisso com os pobres, que mensagem podemos tirar para a Espiritualidade atual? Jesus e seu movimento nos inspiram a fortalecer o princípio de subsidiariedade, ou seja, o maior não faça o que o menor pode e deve fazer. Deus não intervém no que pode e deve ser feito pela humanidade. Deus é santo, é o totalmente Outro. Nós somos criaturas co-criadoras. Incomoda a muita gente o fato de Deus parecer estar de braços cruzados na arquibancada da vida, enquanto 2/3 da humanidade são crucificados. Uma pessoa incomodada com o sofrimento dos inocentes questionou um sábio indiano: *"Deus não faz nada para salvar os inocentes da cruz?"* O sábio respondeu: *"Você foi feito!"*

A Mística Evangélica do compromisso com os pobres questiona veementemente e coloca em xeque as espiritualidades do "espirotosantismo"[2], desencarnadas, volatizadoras da fé cristã, alienantes, devocionistas. Todas as místicas que fomentam ou são cúmplices das lógicas capitalistas e fundamentalistas são desmascaradas por Jesus.

Na Mística de Jesus o que salva é o modo, o jeito, como se tecem as relações. A salvação acontece, não é dada como ato feito. Jesus, a grande Testemunha, não caiu pronto do céu. Jesus brotou da humanidade, de uma herança milenar de relações proféticas, mís-

[2] Trata-se de uma tendência religiosa que absolutiza o Espírito Santo como condutor de nossas vidas, ofuscando assim a Trindade Santa que se compõe também pelo Pai e pelo Filho, Jesus Cristo.

ticas e autenticamente religiosas. Todo mundo colaborou, os bons e os maus, para que, em Jesus, Deus eclodisse na História. Com Jesus o véu da história cai, mas Ele não esgota o infinito. O movimento da vida continua rumo à comunhão maior com Deus e com tudo.

No final da vida, após ter perdido quase todo o apoio popular, Jesus teve que perguntar aos discípulos e discípulas: *"Vocês também querem ir?"* Ou: vocês topam a parada? O desafio está em nossas mãos. Jesus passou a cada dia a batata quente para nós. Corre conosco ao nosso lado, mas jamais nos substitui. Fé adulta tem aquele/a que ultrapassa a idéia de Deus como um "tapador de buraco".

Vivenciar a Mística Evangélica do compromisso com os pobres implica um constante "trânsito cultural", uma espiritualidade de "diáspora", exodal, fora dos muros seguros do aparato institucional. Experimenta-se a tensão entre instituição e carisma, a insegurança, a busca e até a frustração com nossas igrejas. Recordemos Dom Antônio Fragoso, bispo emérito de Crateús/CE, que, despojado de todos os privilégios episcopais, tem como ideal de espiritualidade ser uma "pessoa comum" na periferia de João Pessoa, onde mora, vivendo a espiritualidade da "inutilidade".

Muitos dizem que ser cristão autêntico implica caminhar sempre na contramão, mas pensando bem, quem está na contramão são os adeptos do Poder dominação. Este caminho é bom e santo. Caminhai por ele.

Bibliografia de apoio

CASALDÁLIGA, P., *Com Deus no meio do Povo*, Col. Espiritualidade no conflito 2, Ed. Paulinas, São Paulo, 1985.

COMBLIN, J., *O povo de Deus*, Paulus, São Paulo, 2002, pp.238-281.

MOREIRA, G. L., *COMPAIXÃO-MISERICÓRDIA, uma espiritualidade que humaniza*, Paulinas, São Paulo, 1996.

NOLAN, A., *Espiritualidade do serviço aos pobres*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1992.

SOBRINO, J., *Espiritualidade da Libertação, Estrutura e Conteúdos*, Col. Teologia da Libertação – Comentários 10, São Paulo, 1992.

VV.AA., *Espiritualidade e Mística*, CESEP, Curso de Verão Ano XI, Paulus, São Paulo, 1997.

Frei Gilvander Luís Moreira, O. Carm. – Frei e padre carmelita, mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, professor de Exegese e Teologia Bíblica, assessor de CEBs, CEBI, CPT e MST.

Endereço do autor:
Instituto Santo Tomás de Aquino
Rua Itutinga, 300 Bairro Minas-Brasil
30535-640 Belo-Horizonte – MG
E-mail: gilvander@veloxmail.com.br

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1- Porque é importante no mundo de hoje compreender de forma adequada o conceito religião?
2- Como você descreveria a mística evangélica do compromisso com os pobres?
3- Como a parábola do Bom Samaritano pode ajudar religiosos e religiosas de hoje a viver sua experiência espiritual no compromisso da missão?

Liturgia e Bíblia na formação para a vida religiosa

JOHAN KONINGS, SJ

Em tempos idos, o estudo da Bíblia, na formação para a vida religiosa, estava em função da teologia dogmática, da moral e da liturgia – esta, em latim –na base da Vulgata de Jerônimo, para poder acompanhar as aulas de teologia, o ofício dos salmos e a missa com canto gregoriano. E alguns textos, como o de Gn 38,1-7, deviam servir para fundamentar sentenças de teologia moral...

O movimento bíblico católico, desde o século XIX, procurou estabelecer um contexto mais autônomo para os estudos bíblicos, com o intuito de ler a Bíblia por si mesma e não em função das demandas da dogmática, da moral e da liturgia. Foi bom, pois descobriu-se que a Bíblia continha coisas bem mais interessantes que os *loca probantia* da teologia dogmática ou moral. E, sobretudo, descobriu-se que o que o texto em si quis dizer muitas vezes não era bem aquilo que os moralistas queriam que dissesse (exemplo: Gn 38,1-7). Descobriu-se que a Bíblia tinha uma teologia própria; aliás, teologias.

Mas, para aceder a este tesouro, era preciso um pouquinho mais de estudo do que se costumava dedicar à primeira fonte da revelação. Lembro-me que meu gosto pela Bíblia se criou enquanto estudava Filosofia num Seminário Maior interdiocesano, graças à importância que os formadores dedicavam à liturgia e à sua preparação, à meditação do texto evangélico cada manhã, à explicação dos Salmos, à noite. Ou seja, aprendi a gostar da Bíblia mais pela formação religiosa que me era dada por formadores em nível de Filosofia do que mais tarde no curso escolar de Teologia. E o centro dessa aprendizagem foi a liturgia – ainda pré-conciliar. O lógico seria que, com o enriquecimento do teor bíblico da liturgia depois do Concílio Vaticano II, tal aprendizagem da Bíblia pela liturgia se intensificasse mais ainda.

A liturgia é a escola bíblica por excelência. Quero destacar, nesse sentido, três momentos.

1. Primeiro, a liturgia dominical. Sobre o valor bíblico da liturgia dominical já escrevi bastante[1]. Lembro brevemente que a liturgia dominical renovada do Concílio Vaticano II oferece, aos que sejam "fiéis", num período de três anos, nas celebrações dominicais, todo o Novo Testamento (menos alguns paralelos sinóticos) e aquelas leituras do Antigo Testamento que ilustram o Novo – sem falar dos Salmos responsoriais. Se os que organizam e/ou presidem a liturgia dominical aproveitassem bem isso, os fiéis receberiam a formação bíblica mais completa que se possa imaginar.

Mas não é este o único aspecto. Por se situar no contexto da comunidade, espe-

[1] Cf. nota seguinte.

cialmente se for numa comunidade paroquial ou de base, e quando então a Palavra bíblica é confrontada com a Palavra de Deus na vida, como convém a uma celebração autêntica e a uma homilia digna desse nome, a liturgia dominical faz acontecer a verdadeira compreensão da Bíblia: a compreensão na vida. O livro da Bíblia vai sendo iluminado pelo livro da Vida e vice-versa. Os detalhes filológicos e históricos podem ser preenchidos em outros momentos, nos cursos escolares ou cursinhos ocasionais... Estou falando da celebração da comunidade do povo de Deus. Não é necessário que haja uma missa conventual aos domingos para sorver a riqueza bíblica e seu efeito na formação da vida religiosa. Pode até ser mais rico se a comunidade religiosa, comprometendo-se com a comunidade cristã de sua vizinhança ou inserção, exerce, à luz da Presença de Deus e do gesto final de Cristo na Eucaristia, a escuta da Palavra juntamente com os irmãos e irmãs que no dia-a-dia experimentam os desafios e também as consolações da Palavra. E se a comunidade paroquial ou de base não está à altura da tal celebração, quem sabe, a comunidade de formação religiosa pode ser discretamente, respeitando as pessoas aí engajadas, um discreto incentivo. Isso, sem clericalismo, sem monopolizar as funções litúrgico-ministeriais - pois a base do culto cristão é a dignidade batismal ou sacerdócio dos fiéis, que se exerce em primeiro lugar no empenho da vida cristã, o verdadeiro "culto lógico" (Rm 12) e "sacrifício espiritual" (1Pd 2,5).

Quanto à liturgia dominical - a Páscoa semanal - convém observar que, a princípio, ela seja uma celebração da Palavra e da eucaristia como dois pólos complementares da *memoria Christi*. Desde as primeiras gerações cristãs, como nos lembram os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos, os que haviam abraçado a fé se reuniam "no primeiro dia da semana" (Mt 28,1; Mc 16,2; Lc 24,1; Jo 20,1.19; At 20,7; 1Cor 16,2). O que a liturgia da Palavra nos ensina a respeito da palavra e da práxis de Jesus recebe seu coroamento na memória do dom de sua vida no momento eucarístico, pois o dom da vida de Jesus é a conseqüência de sua palavra e práxis total e recebe destas o seu significado. A palavra e os gestos de Jesus são palavra e gestos daquele que, por amor a Deus que conhecia como Pai e por amor a seus irmãos, foi fiel até a morte, e sua morte não pode ser separada - como se fosse um ato mágico de expiação à guisa de um bode expiatório - da palavra e dos gestos que o levaram até a doação total e que se apresentam como o "caminho" que somos chamados a seguir. E tudo isso recebe, por assim dizer, a autenticação de Deus na Ressurreição, "no primeiro dia da semana", quando Deus mostra Jesus vivo aos seus. Se não há um presidente ordenado para fazer a Oração Eucarística depois da liturgia da Palavra, isso deve ser considerado como uma grave anomalia, que deve suscitar na Igreja profunda preocupação com sua "política ministerial".

Visto o lugar central da *memória Christi* dominical, é importante que esta experiência - mesmo se os membros da comunidade de formação a tenham vivido em comunidades de inserção diversas - seja depois partilhada na própria comunidade de formação, para se tornar o seu alimento.

2. Em segundo lugar, a liturgia eucarística ou celebração da Palavra diária. Abrangendo maior cabedal bíblico que

a liturgia da Palavra do ciclo dominical, sobretudo quanto ao Antigo Testamento, não possui todavia a força pedagógica da liturgia dominical, porque os textos aparecem principalmente em ordem seqüencial, divididos às vezes se maneira surpreendente. Não obstante isso, alimentarão com muito fruto a meditação cotidiana das dimensões bíblicas da experiência de Deus. A celebração da Palavra cotidiana na comunidade de formação pode provocar um aprofundamento bíblico e espiritual, inclusive pela partilha durante a celebração e depois, na refeição ou bate-papos da comunidade.

Tanto para a liturgia dominical como para a celebração diária pode ser útil o uso de comentários bíblico-litúrgicos a fim de alimentar o aprofundamento pessoal ou comunitário[2].

3. Finalmente, a Oração das Horas. Nesta, o aspecto preponderante é a fruição dos Salmos, dos textos das leituras breves e das orações, quer no ambiente mais contemplativo dos mosteiros, quer rezado com o povo das comunidades (por exemplo, no Divino Ofício das Comunidades), quer em ambientes que combinam os dois estilos, como algumas comunidades monásticas inseridas no meio do povo.

Para sistematizar mais o conhecimento bíblico, os religiosos e as religiosas hoje têm ainda outros momentos para se aproximar da Bíblia. Penso de modo particular no Programa "A tua Palavra é vida", com seus sete volumes para o acompanhamento sistemático da Bíblia na leitura orante e o oitava volume destinado especialmente para a formação[3]. E há ainda a participação na leitura bíblica popular, CEBI e coisas semelhantes. E podendo participar de um curso sistemático em Faculdade ou Seminário, aproveitem.

Mas é na liturgia que a Bíblia ocupa seu lugar preferencial, porque a Bíblia nasceu da liturgia para a liturgia, para a assembléia do povo de Deus, quer na sinagoga judaica, quer na *ekklesia* cristã. O *Sitz-im-Leben*, o contexto vital específico da Bíblia enquanto Bíblia – não dos diversos documentos que a compõem, mas do conjunto de textos para a escuta comunitária – é a celebração comunitária sabática dos judeus e dominical dos cristãos.

Ora, o importante é o espírito com que a presença da Bíblia na liturgia é acolhida. Deve ser escutada: *shemá Yisrael* (Dt 6,4). Antes do estudo quer literário-histórico quer sociológico, vem a escuta. Deixar penetrar a Palavra,

---

[2] Para a liturgia dominical: *Missal Dominical*: missal da Assembléia Cristã. São Paulo, Paulus, 1995; Konings, J. *Liturgia Dominical*: mistério de Cristo e formação dos fiéis (Anos A-B-C). 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003; Id. *Descobrir a Bíblia a partir da Liturgia*. São Paulo: Loyola, 1997; e outros congêneres. – Para a liturgia semanal: *Missal Semanal*: missal da Assembléia Cristã. São Paulo, Paulus, 1995; Vitório, J. *O Evangelho nosso de cada dia*. São Paulo: Paulinas, 1996 (ano B), 1997 (ano C), 1998 (ano A); e outros congêneres. – É importante também que os religiosos conheçam e saibam usar, até para ajudar o povo eclesial, as edições oficiais das leituras litúrgicas (lecionários); nestas, os textos estão diagramados especialmente para a leitura litúrgica (à diferença dos subsídios para a preparação litúrgica e para o uso pessoal publicados por diversas editoras). O desconhecimento, nas comunidades de formação, dos livros litúrgicos oficiais e dos diversos documentos da CNBB sobre a liturgia eucarística e a celebração da Palavra é estonteadora e faz surgir perguntas em torno da formação litúrgica dos formadores e formadoras. Em alguns casos, a opção pela inserção popular tem provocado indiferença pelo conhecimento litúrgico, em detrimento do próprio povo ao qual se pretende servir.

[3] Coleção "A tua Palavra é vida". Rio de Janeiro: Publicações CRB; São Paulo: Loyola, desde 1990.

mesmo se não imediatamente compreensível – e alguma vez, nunca será totalmente acessível à compreensão racional, porque abrindo uma perspectiva que nos ultrapassa. Contemplá-la, meditá-la, reviver o momento original para confrontá-lo com nosso momento atual, pessoal e comunitário. Tirar conclusões práticas, pois só quem sabe agir de acordo com o espírito da Palavra bíblica dá prova de tê-la minimamente compreendido e assimilado em sua vida.

Agora, umas observações que talvez pareçam pedantes, mas que são mero bom senso. Para que a aprendizagem bíblico-litúrgica transforme o modo de pensar e de sentir e crie um "espírito evangélico" nos formandos, é preciso que eles participem dos momentos comunitários, seja dentro da comunidade de formação, seja na comunidade paroquial ou de inserção da qual, em articulação com a comunidade de formação, eles ou elas participam. Se cada formando/a procura seus momentos de oração segundo seu gosto individual, sem priorizar a presença comunitária, o que acabamos de dizer perde muito de sua relevância. Mesmo a meditação pessoal perde densidade quando não alimentada pelo compromisso evangélico com as diversas comunidades em que se situa a vida do jovem religioso ou religiosa – pois a nossa vida sempre acontece em diversas comunidades simultaneamente: casa, bairro, escola, trabalho, amizade ou afinidade... O individualismo é inimigo da compreensão do Reino que se anuncia na Lei e nos Profetas e que eclode no Evangelho de Jesus. E atenção! mesmo no meio da massa se pode ser individualista. Uma liturgia morta, puramente formal, celebrada para oitocentos e setenta e três paroquianos de vez, ou também uma liturgia de oba-oba, com muitos aplausos e folhetos abanando, podem fomentar o individualismo, porque há somente um sentimento religioso individual ou no máximo uma curtição coletiva, sem compromisso intersubjetivo e comunitário. Não é aí que a Palavra de Deus é acolhida, não é aí que ela "ressoa".

O perigo oposto também existe: a falta de interioridade, de silêncio. A atual geração, vivendo em meio a um exagero "midiático", às vezes até vicioso, corre o risco de não mais ter o que comunicar, porque não tem a necessária interioridade para deixar crescer uma sementinha pessoal. A casa de formação, mas também a comunidade externa de que os formandos participam, devem ser marcadas pelo empenho em oferecer espaço para a interioridade. Imaginem que serviço os jovens religiosos e religiosas podem prestar ao criarem no meio das comunidades crentes populares tal espaço, em torno da celebração da Palavra de Deus na Bíblia e na vida!

Endereço do autor:
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127, Planalto
31720-300 – Belo Horizonte – MG – Tel.: (31) 499-1600

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1- Como você e sua comunidade entendem a relação entre liturgia e bíblia?
2- Os três momentos que o texto destaca são adequadamente valorizados na comunidade? Por que motivos?
3- Você acha que a formação atual dá a devida importância a essa dimensão bíblico litúrgica? Por que?

CRB

Impresso Especial
050200140-2/2002 - DR/RJ
CRB
...CORREIOS...

Marcos Indicadores

Há uma esperança para o teu futuro!
Há setas indicando o caminho... *Jr 31, 17.21*
por isso, finca bem as estacas, desdobra a lona,
estica as cordas, amplia o espaço... *Is 54, 2*

Neste horizonte de esperança, a CRB se compromete a animar e assessorar o processo de refundação da Vida Religiosa, sinalizando o caminho através desses marcos:

1. Espiritualidade integradora como experiência de itinerância, vivida na dinâmica pascal.
2. Opção preferencial, audaciosa e atualizada, pelos empobrecidos e excluídos.
3. Comunidade, antídoto contra o individualismo, espaço de irmandade, crescimento, discipulado, solidariedade.
4. Formação para ser presença profética na realidade, comprometer-se e deixar-se evangelizar.
5. Abertura às interpelações das novas gerações em sua diversidade cultural.
6. Novas relações de gênero e etnia tecidas no respeito e valorização do diferente.
7. Intercongregacionalidade, trabalho em rede e parcerias com leigos e diversos organismos em vista da solidariedade.
8. Análise institucional a partir do carisma e em vista da pessoa e da missão.
9. Apoio a novas formas de consagração e de pertença aos carismas.
10. Dinamização e operacionalização do Projeto da CLAR "Pelo Caminho de Emaús".
11. Resposta generosa e presença inculturada na missão além-fronteira.

A nós, irmãs e irmãos de todo o Brasil, cabe a responsabilidade de transformar em vida profética e missionária o que o Espírito nos propõe neste momento. Nesta esperança, sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida, avançamos para o futuro.

(Texto final aprovado pela XIX Assembléia Geral Ordinária da CRB, celebrada em São Paulo, de 09 a 13 de julho de 2001.)